

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Assembleia de Deus, Sua origem e Seus Conflitos.

Jailma Araujo de Brito

São Paulo
2019

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Assembleia de Deus, Sua origem e Seus Conflitos.

Jailma Araujo de Brito

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Especialista em Ciência da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Edin Sued Abumanssur

São Paulo
2019

BRITO, Jailma Araujo.

Assembleia de Deus, Sua origem e Seus Conflitos.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Especialista em Ciência da Religião.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____	Instituição _____
Julgamento _____	Assinatura _____

Prof. Dr. _____	Instituição _____
Julgamento _____	Assinatura _____

Prof. Dr. _____	Instituição _____
Julgamento _____	Assinatura _____

**“Os homens distinguem -se pelo que fazem; as
mulheres, pelo que levam os homens a fazer.”
Carlos Drumond de Andrade**

RESUMO

Este trabalho visa discutir a imagem do feminino no campo religioso sobre perspectiva dos templos da Assembleia de Deus - Belém, com o objetivo de descobrir qual o papel da mulher neste contexto. Meu olhar de referência será sobre Frida Maria Strandberg (1891-1940). Casada com o sueco que fundou, em Belém do Pará, a Assembleia de deus. Frida se tornou uma das mais importantes lideranças da igreja no período dos 15 anos em que esteve no Brasil. Ajudou a construir o ministério no Rio de Janeiro, comandava um jornal e pregava em praça pública, evangelizou em presídios e regiões periféricas e lecionava na escola bíblica dominical. Muitas vezes tomou a frente de seu esposo, em virtude de estar impossibilitado, pela sua saúde frágil. A história de Frida, passou décadas esquecida e até hoje é silenciada. No cenário atual, as mulheres ainda são maioria dos templos evangélicos, que a cada dia estão saindo das coxias e ganhando espaços para ser protagonistas no universo ainda dominado pela figura masculina. Todavia na Assembleia de Deus- Belém, as mulheres ainda não possuem reconhecimento para liderança, o desempenho das mulheres neste contexto ainda é de apenas auxiliar seus líderes, não podendo ser consagradas a nenhum cargo ministerial. É possível visualizar essa diferença do gênero, na própria liturgia dos cultos, onde as mulheres possuem cargos, apenas de auxiliar na recepção dos templos. Tenho como foco resgatar a importância, dando voz e visibilidade a Frida e tantas outras mulheres que foram e são ainda silenciadas nas histórias da assembleia de Deus-Belém.

Palavras-chave: Frida Maria Strandberg; Assembleia de Deus; Gênero, trajetórias de vida, mulher evangélica.

Abstract

This work aims to discuss the feminine image in the religious field on the perspective of the temples of the Assembly of God Belem, with the aim of discovering the role of women in this context. My reference look will be on Frida Maria Strandberg (1891-1940). Married to the Swede who founded, in Belém do Pará, the Assembly of God. Frida became one of the most important leaders of the church during the 15 years she was in Brazil. She helped build the ministry in Rio de Janeiro, ran a newspaper and preached in a public square, evangelized in prisons and outlying areas, and taught at Sunday School. Often took the lead of her husband, because of being unable, for his fragile health. The story of Frida, passed decades forgotten and until today is silenced. In the current scenario, women are still most of the evangelical temples, which are coming out of the backstage every day and gaining space to be protagonists in the universe still dominated by the male figure. However, in the Assembly of God Belem, women still do not have recognition for leadership, the performance of women in this context is still only to assist their leaders, and can not be consecrated to any ministerial position. It is possible to visualize this difference of gender, in the liturgy of the cults, where women have positions, only to assist in the reception of the temples. I focus on rescuing the importance, giving voice and visibility to Frida and so many other women who were and still are silenced in the stories of the Assembly of God Belem.

Keywords: Frida Maria Strandberg; Assembly of God; Genre, Life trajectories, Evangelical Woman.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. INÍCIO DO MOVIMENTO PENTECOSTAL (ASSEMBLÉIA DE DEUS).....	7
<i>“Nos seus primeiros anos no Brasil os novos crentes, cheios de um entusiasmo contagiante, não preocuparam as igrejas históricas, fossem elas frutos da imigração européia (anglicanos, luteranos) ou de missões norte-americanas (congregacionais, presbiterianos, metodistas, batista, episcopais). Algumas dessas confissões contavam com mais de meio século de existência e uma estrutura nacional bastante estável, embora em grande escala dependente de seus países de origem”. (César, 1999:22) ..</i>	
O movimento pentecostal é considerado o movimento mais revolucionário da história do Cristianismo no século XX. Houve muitas dificuldades para criar uma tipologia para o pentecostalismo brasileiro, é um fenômeno que vive em mutação, os adeptos iniciais em sua maioria eram de baixa escolaridade, vindos das camadas mais pobres.	
3. História de Vingren e Berg e a chegada ao Brasil.....	13
4. Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil.	20
4.1. Primeiro Estatuto da CGADB.....	20
4.2. Crenças da Assembléia de Deus	21
4.3. Cultos.....	23
5. CONFLITOS QUE PERMEARAM A HISTÓRIA DA ASSEMBLÉIA DE DEUS.....	25
5.1. Controvérsias que causaram conflitos.	25
6. A ASSEMBLÉIA NASCEU E EVOLUIU EM TORNO DA BUSCA PELO PODER HIERÁRQUICO	26
6.1. O Sistema de Governo da Assembléia de Deus.....	26
7. PAPEL DA MULHER NA IGREJA ATUAL.....	27
8. FRIDA MARIA STRANDBERG VINGREN, SUA PRESENÇA E ATUAÇÃO NA ASSEMBLÉIA DE DEUS.....	28
8.1. MULHERES PENTECOSTAIS.....	34
9. NOVA VISÃO DA IGREJA	40
9.1. Uma análise frente a figura da Mulher.....	46
9.2. PRECONCEITO AS MULHERES COMO PASTORAS	51
<i>Acordar, fazer o café, arrumar a casa, preparar o almoço, arrumar as crianças, leva-las ao colégio, fazer compras, lavar a roupa, pegar as crianças no colégio, passar a roupa, preparar o jantar, lavar a louça, pôr as crianças para dormir [...]. Algumas donas de casa ficam tão envolvidas com seus afazeres domésticos, e os maridos tão envolvidos com os problemas do trabalho, que se esquecem de um momento muito importante: seu momento a sós com Deus (NOSSO LAR, 1995, p. 26-27).</i>	
CONCLUSÃO	56

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	6
Figura 2	8
Figura 3	9
Figura 4	11
Figura 5	13
Figura 6	14
Figura 7	15
Figura 8	16
Figura 9	18
Figura 10	19
Figura 11	19
Figura 12	20
Figura 13	29
Figura 14	30
Figura 15	30
Figura 16	31
Figura 17	36
Figura 18	42

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta a história da Assembléia de Deus desde o surgimento até os dias atuais. A história de como o Brasil foi transformando na maior nação Pentecostal do mundo, fatos de alta importância envolveram dois jovens suecos residentes nos Estados Unidos, que teriam suas vidas ligadas à história das Assembléias de Deus no Brasil.

Frida Maria Standberg (1981-1940), missionária sueca, enviada para o Brasil pela Igreja Filadélfia, de Estocolmo, em 1917, que contribuiu para expansão do movimento pentecostal brasileiro, que resultou no movimento das Assembleias de Deus. Ao lado do seu marido, Gunnar Vingren, trabalhou na implantação das Assembleias de Deus do Rio de Janeiro. Em 1932 retorna para a Suécia, onde meses depois seu marido falece. Tentou retornar ao Brasil, sendo impedida. Frida foi internada em hospitais psiquiátricos, vindo a falecer em um deles em 1940.

“religião pentecostal que se implantou no Brasil é um rebento daquela experiência pentecostal dos americanos de cor branca” e, segundo, “as camadas pobres que a ela aderiram, se traziam a experiência religiosa do devocional católico, não traziam a experiência política-social” (Rolim, 1995:24,47-48)

Segundo uma Profecia em que dizia que o evangelho deveria ser pregado, e que se iniciara no Estado do Pará, onde eles buscaram informações no mapa do Brasil, onde seria esse local, sendo assim será contado o início da história da Igreja Assembléia de Deus.

Também será mostrada a importância da mulher evangélica dentro da igreja, qual sua postura, aceitação, às transições, desde a fundação da Assembléia de Deus. Atualmente, temos vários posicionamentos sobre o assunto, serão mostrados os impactos dessas mudanças dentro da igreja.

Na primeira CGADB em 1930, com a comparecimento de Frida Vingren, a atuação feminina foi aceita, mas com limitações bem particulares. As mulheres seriam convenientes atuar como educadoras, assistentes social e pregadoras. A decisão de 1930, foi frontalmente contrária a atuação da esposa de Gunnar Vingren na igreja carioca, na qual Frida se destacava como líder pentecostal.

Frida enfrenta a superioridade masculina no ministério, porém, não foi a única. Segundo a própria historiografia oficial, outras mulheres participaram ativamente do início da obra pentecostal no país. Isael de Araújo no Dicionário do Movimento Pentecostal, cita várias jovens e senhoras que participaram com destaque da fundação de igrejas pelo Brasil. No entanto, na primeira Convenção Geral, o casal Vingren foi voto vencido e às mulheres foi vedado o acesso ao ministério.

Vinhena Valeria, cita que Frida Maria Strandberg foi um símbolo da resistência ao sentimento de obsessão de dominação de pastores suecos e pentecostais.

“O missionário não é apenas o anunciador do evangelho, mas também senhor do segredo de como fazer, como pregar, como organizar e hierarquizar a sociedade cristã, como se comportar e falar, como viver o estado cristão. É a enciclopédia cristã” (D’Epinay, 1970:142).

Foram os efeitos produzidos pelo imaginário social da época que não permitiram aos líderes nortistas e nordestinos abrirem a questão do ministério feminino, o que os levou a lutar contra o modelo eclesiástico que se configurava a partir da liderança exercida por Frida Vingren (CASTELHANO, 2005, p. 61).

Figura 1

MEMÓRIAS DAS ASSEMBLÉIA DE DEUS

Pr. Paulo Leivas Macalão (na foto, ao microfone), na década de 60, na AD/Madureira, Grande Rio. Como notório evangelista, o filho de general, optou por servir ao SENHOR. Começou cooperando com o casal de pioneiros das AD, Frida-Gunnar Vingren, na AD em São Cristóvão, que passou a ser a 'sede pensante' e nacional das ADs.

Quando Vingren viajava, o jovem obreiro cooperava com Frida, que, então, pastoreava a igreja.

Com a dinâmica em sua vida, Paulo Leivas Macalão passou a atuar com frequência no bairro Madureira, onde iniciou às atividades que deram nome a uma linha assembleiana, denominada Madureira. A outra liderança, que despontou foi chamada de Missões, e o seu líder era o também respeitado, pr. Cícero Canuto de Lima, em São Paulo. Os dois se

respeitavam e viviam em paz.

Por Antônio Mesquita.



Fonte: Facebook Assembléia de Deus Missão Athos

As análises aqui realizadas trazem à tona a certeza de que mesmo diante da reestruturação que a Assembléia de Deus vem passando ainda existe uma parcela dos tais “homens de Deus” que ainda atuam com machismo, dentro e fora da igreja.

“A ética puritana, contrapondo-se por sua rigidez à lassidão moral considerada pelos protestantes como típica do Catolicismo, veio acompanhar a vivência da conversão ao novo credo religioso. Esta ética desenvolveu entre os fiéis padrões de conduta característicos, sociologicamente importantes. Enfatizando estrita honestidade nos negócios, conduta austera e recato de trajar, propugnavam, paralelamente, severas restrições de comportamento: não ter vícios, como as de fumar e beber; não frequentar diversões profanas; não participar de jogos de azar; não ter relações sexuais extraconjugais” (Camargo 1973: 136-7).

Por fim, muito se tem visto que alguma organização religiosa vem atuando fortemente em agregar fiéis, e não exatamente e tê-los como algo que possa ajudar alguém que precisa, alguns pontos serão colocados e mostrados neste

trabalho e por fim o preconceito sofrido por mulheres que já atuam no pastorado, e que ainda sofrem com as regras impostas pelo tais “homens de Deus”.

Ressalta um contexto de mudanças que estavam em andamento no período em que a Frida estava no Brasil, e ao mesmo tempo apontar sua luta pelos direitos das mulheres dentro da Assembléia de Deus.

2. INÍCIO DO MOVIMENTO PENTECOSTAL (ASSEMBLÉIA DE DEUS)

No início do século XX, especialmente na América do Norte. Os precursores do reavivamento do século XX falavam em outras línguas que não eram as suas quando receberam o batismo no Espírito Santo, outras manifestações como profecias, interpretação de línguas, conversões e curas aconteciam, foi aí que dois jovens suecos iniciaram um movimento para alterar o perfil religioso e muitas vezes social do Brasil, através de pregações de que Jesus seria o único salvador da humanidade.

“O missionário não é apenas o anunciador do evangelho, mas também senhor do segredo de como fazer, como pregar, como organizar e hierarquizar a sociedade cristã, como se comportar e falar, como viver o estado cristão. É a enciclopédia cristã” (D’Epinay, 1970:142).

O pentecostalismo brasileiro tem dois modelos:

Um é o italiano nascido em 1910 e que até 1947 os cultos eram realizados em italiano e depois começaram a falar mais em português.

Figura 2

Essa igreja, localizada em Saint Louis, foi organizada por Pietro Ottolini em 1921.

Italian Evangelical Church



Fonte: <http://stlouis.missouri.org/neighborhoods/history/thehill/churches13.htm>

Dizem que na Itália a Assembléia conserva os mesmos procedimentos de culto de cem anos atrás.

“Nos seus primeiros anos no Brasil os novos crentes, cheios de um entusiasmo contagiante, não preocuparam as igrejas históricas, fossem elas frutos da imigração européia (anglicanos, luteranos) ou de missões norte-americanas (congregacionais, presbiterianos, metodistas, batista, episcopais). Algumas dessas confissões contavam com mais de meio século de existência e uma estrutura nacional bastante estável, embora em grande escala dependente de seus países de origem”. (César, 1999:22)

O movimento pentecostal é considerado o movimento mais revolucionário da história do Cristianismo no século XX. Houve muitas dificuldades para criar uma tipologia para o pentecostalismo brasileiro, é um fenômeno que vive em mutação, os adeptos iniciais em sua maioria eram de baixa escolaridade, vindos das camadas mais pobres.

O movimento pentecostal surgiu no movimento de “santidade”, que por sua vez deve muito ao conceito wesleyano de perfeição cristã como uma segunda obra da graça, distinta da justificação. A sementeira específica provavelmente foi a Escola Bíblica de Topeka, Kansas, nos Estados Unidos. Nessa escola, Charles Parham defendia a idéia de que o falar em línguas era um dos sinais que acompanhavam o Batismo do Espírito Santo. Um discípulo de Parham, o pregador negro W. J. Seymour, foi

convidado para pregar na Igreja de tipo holiness da evangelista negra Nelly Terry, em Los Angeles, Califórnia. Pregando sobre At 2.4, Seymour declarou que Deus tem uma terceira bênção, além da santificação, a saber, o Batismo do Espírito Santo, acompanhado do falar em línguas. Nelly Terry, escandalizada, expulsou-o da sua Igreja! Seymour, porém, promoveu reuniões em outras partes da cidade e no dia 6 de abril de 1906 em uma reunião de oração à rua Azuza, n.º 312, um menino de oito anos falou em línguas, seguido de outras pessoas. Foi o início formal do movimento pentecostal. W. H. Durham, pastor de uma Igreja Batista de Chicago, foi um dos que falaram em línguas nas reuniões de Seymour. [...] Daniel Berg foi membro da Igreja de Durham, em Chicago, e de lá saiu como missionário para o Brasil (Reily 2003: 364-365).

Figura 3

JP Kolenda pregando ao ar livre em 1943, em Itajaí (SC).



Fonte:

<https://www.facebook.com/memoriasdasassembleiasdedeus/photos/rpp.118096712171306/121908998456744/?type=3&theater>>

“Em 1934, o Sr. Frank Stalter e esposa foram indicados pela Junta Americana para trabalharem no Brasil, e empenharam-se mais na fundação de igrejas no solo brasileiro. Os missionários

foram pioneiros em muitas partes dos Estados de São Paulo e Minas Gerais, onde foram instrumento para a multiplicação de igrejas” (Read, 1967:123)

Quando se fala em pentecostalismo nos referimos aos movimentos do início do século XX surgidos nos Estados Unidos. A Assembléia de Deus é um aglomerado de igrejas, onde em 2010 segundo o IBGE era mais de 12 milhões de assembleianos no Brasil, é considerado um dos maiores movimentos depois da igreja católica.

Os primeiros pentecostais desenvolveram uma interpretação própria da escatologia dispensacionalista pré-milenarista, argumentando que o movimento pentecostal, com a manifestação do dom de línguas, era a “última chuva” de derramamento do Espírito. A chuva anterior foi o derramamento do Espírito no dia de Pentecostes (Althouse 2003, tradução nossa). “Fridas, Flórias e os ‘homens de Deus’ no início do movimento pentecostal brasileiro: uma teologia de dominação”. *Revista Cultura & Religião*. Vol. 11(I). pp. 48-68.

Em 2 de Junho de 1911 ocorre o primeiro batismo de uma brasileira em Belém, onde se acredita que quem é batizado é revestido com o poder de Cristo para representar o Evangelho de Cristo. A prova desse batismo é falar em línguas, que normalmente não são compreensíveis, e é através do batismo que o cristão terá o dom da revelação, da fé, cura, profecia, falar e interpretar em outras línguas.

Figura 4

Cerimônia de batismo em águas, realizada nas margens do Rio Tubarão, próximo à antiga Cia. Carlos Hoepcke, em 1947. Imagem enviada pelo pastor Wilson Simerman, presidente da igreja Assembleia de Deus de Tubarão, que comemora 75 anos na Cidade Azul.



Fonte: http://diariodosul.com.br/SITE2015/tunel_do_tempo/460/Cerimonia-de-batismo-em-aguas-realizada-nas-margens-do-Rio-Tubarao-proximo-a-antiga-Cia-Carlos-Hoepcke-em-1947-Imagem-enviada-pelo-pastor-Wilson-Simerman-presidente-da-igreja-Assembleia-de-Deus-de-Tubarao-que-comemora-75-anos-na-Cidade-Azul-ne.html

“Como resultado desta bênção singular, milhões de membros e congregados em todas as regiões do Brasil, passaram a constituir a maior comunidade de fé pentecostal da Terra” (3a. história, Oliveira, 1998:13)

“O alvo de todos era ganhar o máximo possível de almas para o Senhor. Todos se esforçavam o máximo possível e o resultado não tardou. Surgia uma igreja após outra” (Vingren, 1973:82)

O pentecostalismo brasileiro é classificado por três fases, na primeira surgiu a **Congregação Cristã (1910), e Assembléia de Deus (1911), na segunda teve maior ênfase na cura divina e milagres, e na terceira com grandes modificações da teologia pentecostal e a terceira com Igreja Neopentecostais (1970-1980) .**

(..)As igrejas pentecostais enquanto instituições em evolução dinâmica (...) não são organizações estáticas que incham numericamente; estão em constante adaptação, e as mudanças são frequentemente objeto de lutas. Ademais, o pentecostalismo possui grande variedade de formas, e cada nova espécie vai enterrando mais alguns mitos a respeito de o "pentecostalismo" (Freston, 1993: 64).

Percentual	1900	1911	1930	1940	1950	1960
Evangélicos no País	1,1%			2%	3,4%	
Pentecostais			9,5%			60%
AD – Membros		20	14.000	80.000	120.000	

Fonte: Censo de 1900 foi impugnado, refeito em 1906 o dado sobre religião foi excluído se mantendo até 1940 (Rolim, 1995:32).

“O pentecostal pode ser considerado uma pessoa de duas cidadanias. Uma, terrena e provisória. Quanto mais destituído de sobrevivência, mais provisória é a vida, definida pelos direitos e deveres cívicos. A outra, celeste e eterna, enquanto cidadão da “Nova Jerusalém”. Ele define a sua participação como cidadão, sujeito a leis que devem ser obedecidas, ao mesmo tempo em que proteja o religioso - “deixai o mundo” - ao trazê-lo de volta para a esfera do privado. A política pertence à esfera do que é “mundano”, e a religião ao espaço do “não-mundano” (Bobsin, 1984: 159- 160)

Alencar define a AD como uma “das sínteses mais próximas da realidade brasileira” (ALENCAR, 2013, p.17).

No entanto, em termos de “interesses práticos”, os benefícios trazidos pela conversão são maiores quando o casal se converte ao pentecostalismo, “reorientando” a participação do homem e da mulher na esfera privada e colocando a casa e a família no centro da vida dos dois.

O fundamentalismo e o pentecostalismo são movimentos contemporâneos e simultâneos. Ambos nasceram na passagem do século XIX para o século XX, nos Estados Unidos da América. A partir daí cresceram, foram disseminados pelo mundo, consolidaram-se e continuam a se alimentar reciprocamente (Baptista 2002: 12).

O pentecostalismo “clássico” foi trazido por imigrantes pobres, e considerada como uma religião de pobres e pretos.

Os textos de Siepierski também sentenciam o pré-milenarismo como culpado da apatia política e social do pentecostalismo, pois “os santos deveriam afastar-se do mundo, uma vez que este estava se corrompendo rapidamente e em sua corrupção final estaria o início do milênio” (Siepierski 2004: 80-81).

Figura 5



Membros da AD Florianópolis: "vestes santas"

Fonte: <http://www.altairgermano.net/2009/04/usos-e-costumes-assembleianos.html>

No campo religioso, os dados dos últimos censos não demonstram por limitação das pesquisas, como é crescente o número de fiéis pentecostais. O movimento atual tem seguido no sentido de que as crenças e práticas pentecostais deixem de ser apenas periféricas e passem também a ser das igrejas clássicas e históricas.

Os pentecostais, de fato, estão mudando. E essa mudança reflete o abandono do pré-milenarismo, que como vimos era a essência do próprio pentecostalismo. A guerra espiritual, a teologia da prosperidade e o abandono dos sinais externos de santidade são impossíveis em um esquema pré-milenarista, mas se encaixam perfeitamente na escatologia pós-milenarista (Passos, 2012 apud Siepierski, 2004:81).

3. História de Vingren e Berg e a chegada ao Brasil

Gunnar Vingren nasceu em Ostra Husby, Ostergotland, na Suécia em 8 de Agosto de 1879, filho de pais batistas, e desde pequeno seguia os caminhos santos. Aos 18 anos foi batizado na Igreja Batista, e em 1904, ele então com 25

anos decide iniciar um curso de 4 anos no Seminário Teológico Batista Sueco, em Chicago, começa aí sua vida como missionário.

Figura 6

DANIEL BERG E GUNNAR VINGRE



Fonte: <http://pastoednaldocardoso.comunidades.net/historia-assembleia-deus>

“Tive que me deitar um pouco e rir, porque o Espírito Santo veio sobre mim de forma tão poderosa que não conseguia falar(...) O poder de Deus veio sobre ele tão poderosamente, que teve de sentar-se um pouco para rir, e depois continuar a pregação (...)eu estava tão cheio de gozo, que tive de saltar e pular de alegria(...) eu tive de deitar-me um pouco no sofá, pois o poder de Deus estava muito forte sobre mim(...)Os cultos eram como campos de batalhas. Vários foram lançados no chão pelo poder de Deus” (Vingren, 1987:66, 77,80 e 81)

Daniel Hogberg, conhecido no Brasil como Daniel Berg, nasceu em 19 de Abril de 1884, em Vargon, na Suécia, seus pais também eram da Igreja Batista, diante de uma vida voltada para estudos, em uma Conferência em Chicago, ele conheceu Vingren que já era pastor, e que também foi batizado pelo Espírito Santo, e assim se inicia a história dos dois na vida missionária.

“Quando o Senhor dá alguma coisa, dá sempre o melhor. As suas bênçãos, possibilidades, e querer, são maiores do que podemos imaginar. E uma verdade que até mesmo nas pequenas coisas, nos acontecimentos diários e na variada espécie de problemas, sentimos a mão de Jesus dirigindo-nos pelo melhor caminho” (D. Berg, O Enviado por Deus, Casa Publicadora das Assembléias de Deus, Rio de Janeiro, sem data, pp. 30- 35.166s).

Figura 7

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus, no estado do Pernambuco, fundada pelos missionários suecos Joel Carlson e Signe Carlson, em 24 de Outubro de 1918, celebra este ano seu 93º aniversário, solidificada nas doutrinas bíblicas e inflamada pelo fogo do Espírito Santo.



Fonte: <http://ieadpecolegio2.wixsite.com/colégio2/blank-izd3s>

Em 5 de Novembro de 1910 a bordo do Navio Clement, os missionários deixaram Nova Iorque, com destino para o Pará, suas atividades começaram exatamente nesta viagem com os próprios passageiros, e em 19 de Novembro de 1910, debaixo de muito sol, desembarcaram no Pará, sem informações, contatos, amigos, vieram em busca de oferecer ajuda com a palavra de Deus.

Diante de uma praça fizeram sua primeira oração, e a partir daí começaram seu trabalho como missionários da fé, distribuindo folhetos, bíblias a todos, eles tinham certa dificuldade com a questão do idioma, pois não falavam português, diante desta situação Daniel Berg se dedicava ao trabalho e Gunnar Vingren se dedicava aos estudos do nosso idioma (português).

“Cheguei ao alvo de minha viagem. No dia 3 de julho a noite entramos no porto de Belém (...) A cidade parece grande e imponente. É bastante bonita com suas torres e casas altas. No dia seguinte de manhã tudo era sol e verão outra vez. As margens do rio são lindas, com duas pequenas ilhas lá fora. As praias tão lindas eram baixas, um pouco monótonas e atrás estava a densa mata” (Vingren, 1973:85)

Figura 8

Memorável registro: um dos fundadores da Assembleia de Deus no Brasil, Daniel Berg com alguns pastores de São Paulo. O primeiro à esquerda é o pastor Carlos Padilha. Berg destaca-se por sua altura e isso era normal entre os suecos. Nas fotos geralmente são os mais altos,

claros e falavam português com carregado sotaque. Escandinavos em meio a caboclos, indígenas, negros e mestiços de todo tipo. Assim começou a Assembleia de Deus.



Fonte:

https://www.facebook.com/memoriasdaad/photos/p.1467483063308444/1467483063308444/?type=1&opaqueCursor=AbqCp5ThGwIFUuHyZrUPCcV0PLNJLJ8CPZ-pXTFyibHYbZJ4ruQknPF9RqScKSyQ6tJud-v4SCUpekL2fJamhg4edxoFaX9guXPajEnKYjwpj8mzuGuf1S7SMd4I8ARWLorb1ziGEcklh2Yj8PAV_gnsjoGqpn96PhNzQBuEC6Z5rfguZA72PPMV3-F6xA77-uWQGp7PcNUKSSdF169JgcuwYJnemi-rgh-tmRREjwLLhQDT0FL9eAFiC8NUh5Xk2dxdJoijltNCCr1mudtVKA_CFdoicqDDrPw73BBpjBr2n8B1pZyvP7bjwf7fHLJRZepbG2xhcXNqga4xe01sxWdbPaRipqyP7kqwrKLfa518qQ1q2fOPCsp3NV9WKtbCXSu5IBkdCdlq8lDJCx56HhnXE3qAX26Tmf63vXKHtTghqd5EiXfJkRwEKnxL5n4T_K8&theater

"Cremos que o Espírito Santo chama certas pessoas para realizar determinados trabalhos missionários. A chamada divina é essencial para quem se lança ao trabalho no exterior e mesmo para os trabalhos missionários dentro do país. Como o Espírito Santo chamou Paulo e Barnabé em Antioquia para saírem ao trabalho missionário, assim hoje também Deus chama seus servos, embora nem sempre em profecia, como naquele caso. Em 1910 o Espírito Santo chamou dois jovens suecos, por nome Gunnar Vingren e Daniel Berg, em South Bend, Est. Indiana, E. U.A., por mensagem em línguas estranhas, proferidas por um irmão Uldin, em cuja casa estavam hospedados. Sendo repetida tantas vezes a palavra 'Pará-Pará-Pará', entenderam que para

algum lugar por esse nome Deus os estava chamando. Verificaram então na Biblioteca Municipal que Pará era o nome dum Estado do Norte do Brasil. Oraram a Deus. Sentiram que era o Brasil para onde Deus os chamara. O caminho abriu-se e em Novembro de 1910 chegaram a Belém do Pará, onde iniciaram a obra das Assembléias de Deus no Brasil, obra conhecida de todos, de culto nacional, congregando hoje cerca de 1 milhão de membros" (Ênfases do Movimento Pentecostal. O Espírito Santo e o Movimento Pentecostal, São Paulo 1966, p. 28).

Em 2 de Junho de 1911, Celina de Albuquerque que era membro da igreja Batista de Belém, foi batizada pelo Espírito Santo, durante uma pregação realizada pelos dois missionários.

Em 13 de Junho de 1911, por conta do número de curiosos atraídos a comunidade, causando um clima tenso, porque muitos não concordavam como era apresentado o culto, foram excluídos 13 membros da igreja: José Plácido da Costa com cargo de (moderador), Manuel Maria Rodrigues (ex- secretário), José Batista de Carvalho (ex- tesoureiro), Antonio Mendes Garcia, Lourenço Domingos, João Domingos, Maria dos Prazeres da Costa, Maria Pinto de Carvalho, Alberta Ribeiro Garcia, Manuel Rodrigues Dias, Jerusa Rodrigues (todos diáconos), e por fim Celina Cardoso de Albuquerque, Maria de Jesus Nazaré chamadas de "profetisas", e também Daniel Berg e Gunnar Vingren. Todos se reuniram e agregaram mais pessoas, em um total de 18, para início da Missão da Fé Apostólica, que mais tarde veio a se chamar Assembléia de Deus.

Em 18 de Junho de 1911 nasce a Assembléia de Deus, localizada à Rua Siqueira Mendes, 67 – Cidade Velha, em Belém, e era exatamente na casa de Henrique e Celina Albuquerque, a nova igreja estava livre para evangelizar, anunciar a salvação, a cura divina, o batismo com espírito santo e a volta de Jesus Cristo para buscar sua igreja, e passou a ser chamada de Missão da Fé Apostólica. Muitos testemunhos foram declamados, os missionários alcançaram muitos estados, cidades, mas passaram por perseguições religiosas.

"O ano de 1918 foi de suma importância para a continuação do movimento pentecostal no grande país. O trabalho já contava com alguns anos. Agora chegou o tempo de registrar a igreja

oficialmente, para que fosse pessoa jurídica. Isto aconteceu no dia 11 de janeiro de 1918, quando a igreja foi registrada oficialmente com o nome de “Assembléia de Deus”. (Vingren, 1973:91)

Em 25 de Outubro de 1914, chegaram a Belém os suecos Otto e Adina Nelson, para se juntarem a Vingren e Berg.

Em 8 de Novembro de 1914, a igreja mudou de endereço, e passou a não ter mais seus cultos na casa de Celina.

Em 18 de Agosto de 1916, mais dois suecos enviados pela Igreja Filadélfia de Estocolmo (Samuel e Lina Nystrom).

Em 3 de Julho de 1917, Frida Vingren chegou também como missionária da Igreja da Filadélfia de Estocolmo.

A Assembléia de Deus se expandiu do Pará, para o Amazonas, e se propagou pelo Nordeste, principalmente entre os mais pobres. Chegou ao Sudeste por volta de 1922, por famílias retirantes do Pará, neste mesmo ano chegou ao Rio de Janeiro.

Figura 9



Fonte: <http://www.ieadesimaranhao.com.br/2013/05/conheca-historia-do-circulo-de-oracao.html>>

A influencia sueca ajudou muito na formação da assembleiana brasileira, que passou a ter autonomia interna, e começou a ser administrada por pastores brasileiros, isso por volta de 1930. A partir de 1936, as Assembléias dos Estados Unidos, passaram a colaborar enviando missionários para se envolverem nas estruturas teológicas da igreja.

E desde 1990 os ministérios foram se expandindo pelo mundo todo, onde foram implantadas comunidades brasileiras nos Estados Unidos, Europa, Japão, América Latina, África, Ásia.

Na América do Sul atualmente, existem muitas Assembléias de Deus autônomas e independentes, segundo o Censo de 2010 haviam 12,3 milhões de aderentes.

Figura 10



Fonte: <http://pastoednaldocardoso.comunidades.net/historia-assembleia-deus>

Figura 11



Fonte: <http://pastoednaldocardoso.comunidades.net/historia-assembleia-deus>

Com o crescimento da igreja, em 26 de Novembro de 1996, no bairro da Vila da Penha, no rio de Janeiro foi inaugurada sua nova sede em um edifício com uma estrutura para receber mais pessoas, onde puderam melhorar as instalações da EMAD (Escola de Missões das Assembléias de Deus), e uma loja da CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus), nesta nova fase foi criado o Conselho Político da CGADB e da Faculdade Evangélica de Ciências, Tecnologia e Biotecnologia da CGADB, a FAECAD.

Figura 12

Assembléia de Deus possui mais de 10 milhões de fiéis



Fonte: <http://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticia/ultimas/2017/10/21/fieis-participam-de-culto-do-centenario-da-assembleia-de-deus-em-pe-34720.php>

4. Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil.

Antes de o Jornal Mensageiros da Paz ser lançado, existia o jornal “Voz da Verdade” (1917 a 1918), por Almeida Sobrinho e João Trigueiro da Silva, também existiu o jornal “Boa Semente” (1919 a 1930) por Gunnar e Samuel Nystrom, e o jornal “O Som Alegre” (1929 a 1930) por Gunnar, todos foram lançados para ajudar a divulgar os trabalhos da Assembléia de Deus.

O período de 1933 a 1938, eram realizadas Assembléias Convencionais de Pastores que depois entre 1938 a 1945 durante a Segunda Guerra Mundial, os líderes tinham dificuldade de se locomover e realizar essas Assembléias.

Em 1946 em Assembléia Geral, os pastores decidiram por tornar a CGABC (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil) em uma pessoa jurídica, com intuito de representar a igreja diante das autoridades governamentais.

4.1. Primeiro Estatuto da CGADB

Em 11 de Janeiro de 1918, Vingren registrou o Estatuto da Igreja no cartório de Registro de Títulos e Documentos do 1º Ofício, em Belém, no Livro A, Nº 2, de Registro Civil de Pessoas Jurídicas e outros papéis, número de ordem 131.448, sob o nome “Estatuto da Sociedade Evangélica Assembleia de Deus”, número de ordem 21.320, do Protocolo Nº 2.

O primeiro estatuto tem como objetivo “promover a união e incentivar o progresso moral e espiritual das Assembléias de Deus”.

No estatuto ficam informações como:

- Local onde é sediada a igreja fundada
- Finalidade da igreja
- Qual o objetivo da abertura desta igreja
- Integrantes e membros
- Cargos e funções dentro da igreja
- Disciplinas para membros que descumprirem norma administrativa ou doutrinária.
- Hierarquia dos cargos e seus ministérios
- Colocação de trabalho voluntário sem vínculo empregatício
- Nomeação do Conselho de Ética
- Organização Administrativa (geral e composição de cada um)
- Conselho fiscal (controle de receitas da igreja)
- Procedimentos Disciplinares
- Penalidades
- Dissolução da igreja em caso de falência

4.2. Crenças da Assembléia de Deus

Os assembleianos crêem:

- Em um só Deus, subsistente em 3 pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo.
- Na Bíblia Sagrada como única regra para o caráter cristão.

- Na concepção de Jesus Cristo, sua morte, ressurreição, e ascensão aos céus.
- Que o pecado só pode ser restaurado através do arrependimento e da fé.
- No perdão dos pecados.
- No batismo bíblico por imersão do corpo inteiro nas águas.
- Nos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo.
- Acreditam na segunda vinda de Jesus Cristo, em duas fases: primeira invisível, e na segunda visível e corporal para salvar seus fiéis, e reinar por mil anos.
- No juízo final que salvará os fiéis e condenará os infiéis.
- Na vida eterna.

“A ética puritana, contrapondo-se por sua rigidez à lassidão moral considerada pelos protestantes como típica do Catolicismo, veio acompanhar a vivência da conversão ao novo credo religioso. Esta ética desenvolveu entre os fiéis padrões de conduta característicos, sociologicamente importantes. Enfatizando estrita honestidade nos negócios, conduta austera e recato do trajar, propugnavam, paralelamente, severas restrições de comportamento: não ter vícios, como os de fumar e beber; não frequentar diversões profanas; não participar de jogos de azar; não ter relações sexuais extraconjugais” Camargo (1973: 136-7).

Neste ponto de crenças temos alinhamento de duas igrejas e algumas tem se engajado com o Neopentecostalismo, no qual eles aderem à Teologia da Prosperidade, onde além do uso intenso das mídias como televisão e rádio, existe uma visão mais liberal, quanto aos costumes e um intenso engajamento político. Já a Assembleia de Deus dos Últimos Dias, adota uma postura focada em proibições como:

- Não usar as cores preta e vermelha
- Não pode criar animais e nem plantas
- Não pode tomar anticoncepcionais
- Não pode usar cosméticos, perfumes, jóias.

- Não pode comer carne, sangue e gordura animal.
- Não pode ler revistas, jornais.
- Não pode assistir televisão, usar computador.
- Não pode ingerir bebida alcoólica, refrigerantes de cola.
- Rigidez na vestimenta masculina e feminina.

“A expressão a tua fé te salvou, frequente nos lábios de Jesus” (cf. Mt 8, 13; 9, 2.22.15, 28; 17, 20).

4.3. Cultos

Normalmente se caracterizam por orações, louvores (hinos evangélicos clássicos ou contemporâneos), testemunhos, pregações, em alguns momentos podem acontecer manifestações espirituais, profecias, línguas (dons bíblicos) chamado de glossolalia, onde se acredita que o propósito dom de falar línguas é manifestar o Espírito Santo sendo derramado sobre quem fala.

Os cultos tem duração média de 2 horas sendo divididos em:

- Oração inicial onde o Pastor faz uma oração de abertura
- Cânticos iniciais : canta-se em médias 3 hinos e alguns ministérios
- Leitura Bíblica: leitura de um trecho da Bíblia e o direcionamento para o que foi lido
- Oportunidade de cânticos com grupos de jovens, crianças, corais
- Testemunho de membros
- Ofertório
- Pregação: sermão explicando a passagem da Bíblia
- Apelo: convite para que não é evangélico, aceitar Jesus
- Cântico de encerramento
- Oração final
- Benção apostólica para o retorno dos fiéis, realizada somente pelo Pastor.

"Para convencer um povo de coração duro, e confirmar uma Obra iniciada em meio tão hostil, o Senhor manifestou o Seu poder ante os olhares atônitos dos descrentes. Certa noite, em um culto realizado na Vila Coroa (Belém), apareceu um homem endemoniado que se retorcia com violência sem que alguém o pudesse segurar. Os descrentes que assistiam, tentaram imobilizá-lo, porém não conseguiram. Em dado momento a irmã Josina Galvão, começou a profetizar e, cheia do poder de Deus, dirigiu-se para onde estava o homem endemoniado. Em nome de Jesus impôs-lhe as mãos e ordenou ao demônio que se retirasse. Ante a admiração geral, o homem ficou imobilizado, de cócoras, dominado pelo poder de Deus; todos viram que algo como um raio saiu pela janela e desapareceu. Os descrentes que estavam fora de casa, e a tudo assistiam, amedrontados, confessavam que Deus estava no meio daquele povo" (B. Muniz de Soares, A Experiência da Salvação, São Paulo, 1989. n 33).

Seu início foi por influência sueca, mas com o crescimento, foram surgindo escolas, como o a Seminário de Pindamonhangaba, a partir dela houve um crescimento de seminários e faculdades teológicas, com o aumento e reconhecimento da literatura, prêmios fora recebidos pela Associação de Editores Cristãos (ASEC) desde 1991.

Atualmente existem 3 nomes de editoras importantes:

- CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus) fundada em 1940
- Editora Betel fundada em 1991
- Editora Central Gospel 1999

"AD mantém estreitos laços com as igrejas pentecostais norte-americanas das quais depende quase totalmente em termos de educação teológica, que embora incipiente no Brasil, começa a se fortalecer pelo estabelecimento de vários seminários e institutos bíblicos para a preparação de pastores. Acresce uma gama de literatura traduzida amplamente difundida principalmente através da CPAD e Editora Betânia" (Bittencourt Filho, 1985:35, grifo nosso)

5. CONFLITOS QUE PERMEARAM A HISTÓRIA DA ASSEMBLÉIA DE DEUS.

O primeiro conflito apresentado na história trata-se exatamente sobre os adeptos do pentecostalismo em Junho de 1911, onde exatamente a Assembléia de Deus surgiu a partir de uma divisão, por uma não aceitação da forma como eram feitas as pregações, onde se afirmam que Vingren e Berg realizavam um trabalho de proselitismo entre os membros da igreja, ao invés de trazer para próximo os descrentes.

Para muitos o que os fundadores fizeram foi desonesto, mentiram que eram batistas quando não eram, diziam que estavam em comunhão, mas tinham sido excluídos. Aproveitou-se de uma situação para dividirem os fiéis, diante disso, todas as igrejas pentecostais que saíram dos grupos reformados, deixaram grandes decisões e mágoas contra pessoas que amavam a Jesus.

Hoje a Assembléia de Deus é fracionada em vários ministérios e nem sempre são amigos entre si. Um exemplo mostrado é o de Madureira onde o expansionismo causou muita polêmica entre as lideranças.

5.1. Controvérsias que causaram conflitos.

Algumas questões foram levantadas sobre a forma como a Assembléia de Deus tem levado desde o seu início algumas situações perante seus fiéis como:

- Comportamentos considerados antiquados, onde algumas igrejas impõem a seus seguidores costumes ortodoxos, com as proibições e a igreja não é um regime fechado de fanatismo religioso.
- Centralização e autoritarismo receberam críticas pela forma como governam a maioria delas, e também por pastores autoritários.
- Disputas internas onde ocorrem múltiplas cisões e divisões internacionais.
- Finanças sendo que apesar de não ser obrigatório, algumas igrejas são censuradas pela falta de transparência na discriminação de sua receita.

6. A ASSEMBLÉIA NASCEU E EVOLUIU EM TORNO DA BUSCA PELO PODER HIERÁRQUICO

Não existe hierarquia universal, a maioria das igrejas se organizam de acordo com as funções e necessidades de acordo com funções gerais delineadas na Bíblia e as necessidades peculiares de cada igreja.

Liderança da Igreja: função normalmente de pessoas mais maduras, o trabalho inclui:

- Pregação e ensinamentos da Bíblia.
- Aconselhamento e apoio espiritual.
- Debates doutrinários e conflitos.
- Liderança da música.
- Definição e orientação.

Suas funções podem ser pastores, presbíteros, anciãos, professores, bispos, apóstolos, líderes de louvor.

Pregação quem fica responsável por esta parte, precisa levar a mensagem de Jesus para descrentes:

- Conversas
- Estudos
- Eventos e atividades especiais
- Apoio
- Abertura de igrejas

Organização e Assuntos administrativos

- Contabilidade e gestão de recursos.
- Limpeza.
- Organização de eventos.
- Comida.
- Trabalho social.
- Gestão de tecnologia e dos meios de comunicação.
- Gestão de atividades e cerimônias na igreja.

Estes são colocados como diáconos, auxiliares, administradores outros mais específicos seriam de contabilista ou técnico de som.

6.1. O Sistema de Governo da Assembléia de Deus

Sempre houve controvérsias para saber o modelo de governo mais bíblico, todos os modelos (congregacional, episcopal e presbiteriano) se baseiam no novo testamento.

- Episcopal o poder se deve ao pastor ou bispo
- Presbiteriano poder ao presbitério
- Congregacional é dado o poder aos membros ou a um conselho

No caso do episcopal, o pastor não presta contas a igreja, já o presbiteriano pode criar uma elite, e o congregacional pode minar a autoridade do pastor.

A Assembléia de Deus começou com a congregacional, mas com o passar do tempo, ela foi deixando de seguir um modelo eclesiástico e atualmente podemos encontrar os 3 modelos, onde ficam divididos da seguinte forma:

- Igreja no interior: São mais congregacionais
- Igrejas na capital: Por serem divididas em setores, elas seguem mais o modelo episcopal.

Podemos colocar que o fato de a Assembléia de Deus aderir ao modelo episcopal, o torna uma igreja com um líder centralizador, que controla tudo.

7. PAPEL DA MULHER NA IGREJA ATUAL

Desde a primeira Convenção Geral em 1930 (RN), com a presença de Frida, **o ministério feminino foi polêmico**, João de Oliveira pastos de Pindamonhangaba, defende a ideia de que na história bíblica e secular, existem exemplos de mulheres profetas, guerreiras, conselheiras e líderes. Aponta que nos dias atuais a mulher exerce vários papéis na sociedade, e porque não pode ser pastora.

A Assembléia de Deus umas das igrejas mais conservadoras do Brasil, vive um momento muito importante, onde passam por uma reavaliação de conceitos. Muitos ministérios e convenções tem defendido a ideia de que a mulher pode se consagrar no Pastorado.

A (CGADB – Convenção Geral das Assembléias de Deus) é sempre quem manda e desmanda dentro da Assembléia de Deus, ela nomeia e demite quem ela quiser, e há cerca de 100 anos não reconhece as mulheres como passíveis de consagração, mas como as igrejas são independentes, muitas já tem

colocado as mulheres no Pastorado, mesmo assim ainda existe uma resistência sobre a atuação das mulheres.

A adversidade de identidades dentro da igreja, nos mostra que as mulheres assembleianas tem diferentes realidades e comportamentos que podem mostrar outro mundo aos fiéis.

Atualmente o papel da mulher é algo importante, mas pouco discutido, existem tabus a serem quebrados sobre a autoridade das mulheres, onde os homens ainda são maioria, e de maior autoridade, mas no Antigo Testamento personagens como Mirnã, Débora e Hulda são bem atuantes na igreja, e no Novo Testamento as Marias e Febe eram participativas, muitos colocam que a mulher pentecostal deve ser atuante no ensino de maneira geral, cuidam do departamento infantil, trabalho de oração, onde sua responsabilidade é exclusiva do círculo de oração.

8. FRIDA MARIA STRANDBERG VINGREN, SUA PRESENÇA E ATUAÇÃO NA ASSEMBLÉIA DE DEUS.

Frida nasceu em Sjölevad, Västernorrlands, região norte da Suécia no dia 9 de Junho de 1891, filha de Jonas Strandberg e Margareta Sundelin, seus Pais eram cristãos luteranos, ela foi criada em uma família cristã e recebeu educação luterana, estudou até o nível superior e se formou em enfermagem. Apesar de luterana ela começou a frequentar cultos da igreja pentecostal, tornou-se membro da Igreja Filadélfia de Estocolmo, batizada em águas pelo Pastor Levi Pethrus, em 24 de Janeiro de 1917.

“uma pregadora carismática, ela era poetiza, musicista, falava com muita energia e convicção e tinha um senso infalível de dramaturgia” (Norell, 2011, p. 113).

Em 1917, Frida começou sua busca pelo batismo com o Espírito Santo, em março deste mesmo ano, ela foi batizada pelo Espírito Santo, e depois recebeu o dom da profecia.

Um trecho do que Ivar, filho de Frida conta em entrevista a Israel de Araujo.

Ela teve uma experiência de ser elevada aos céus, ela chegou lá em um quarto com um anjo, abriu o livro e estava olhando diretamente para o seu nome no livro e disse o seguinte: Sim, o

seu nome está aqui, mas ainda não é hora de você entrar e permanecer no céu. Você tem que voltar para a terra e ir para o Brasil e pregar o evangelho. Você vai ter que sofrer muito, mas depois você volta aqui. Isto, ela disse-nos, disse Ivar na entrevista. (NORELL, 2011, p. 30.)

Participou do início do pentecostalismo brasileiro, missionária, obreira, esposa, encontrou muitas dificuldades em sua vida de fé, e como cristã fervorosa jamais perdeu as esperanças em superar as dificuldades na sua vida missionária.

Figura 13

Casal Vingren: pioneiros da AD



Fonte: <https://www.findagrave.com/memorial/52056870/gunnar-vingren>

Frida possuía aptidões como: enfermeira, musicista, compositora de hinos da Harpa Cristã, pregadora, redatora, escritora, pesquisadora, ensinadora, pastora, mãe, esposa, administradora do lar.

Figura 14

ORIGENS DA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS DE PORTO ALEGRE/RS



Fonte: <http://www.adportoalegre.com.br/site/nossa-historia/>

Figura 15

Frida Vingren



Fonte: <http://www.editoracpad.com.br/institucional/integra.php?s=5&i=337/>>

Gunnar Vingren que foi o primeiro líder e fundador das Assembléias no Brasil, sempre foi a favor de um Ministério feminino, esposo de Frida, sempre apoiou a atuação da sua esposa na igreja.

Figura 16



Fonte: Livro Frida Vingren de Isael de Araujo

Em 1930, Vingren e Samuel Nystron segundo missionário, entraram em atrito, pois Nystron não era a favor da atuação de mulheres na pregação. Samuel Nystron desde que Frida chegou ao Brasil, ficou no pé de Frida e enviava para o líder pentecostal sueco (Lewy Pethrus) solicitações para intervir e impedir a atuação de Frida dentro da igreja. Ela travou uma batalha muito grande, convocando as mulheres para não se acovardar, e que não deveriam se intimidar. Para os tais “homens de Deus”, Frida era considerada como um “mau” exemplo que influenciaria as demais mulheres assembleianas.

Durante sua vida a função de Pastora e pregadora foi fundamental, ela exerceu pastorado em Belém, depois assumiu a igreja São Cristovam no Rio de Janeiro, a maior e mais importante igreja Assembléia de Deus.

Além de dirigir cultos ao ar livre, Frida também ministrava estudos bíblicos, realizava cultos em presídios, onde fazia leituras de passagens da bíblia para os presos.

A todos esses predicados, poderiam também estar incluídos o de pastora. Frida poderia ter sido reconhecida há muitos anos, como a primeira pastora das Assembléias de Deus no Brasil. Na biografia do esposo encontram-se a aceitação por parte do pioneiro do ministério feminino, inclusive com a separação de uma diaconisa na igreja de São Cristóvão no Rio de Janeiro. A própria história

assembleiana é clara quanto ao desempenho da senhora Vingren. Na ausência (ou na presença) de Gunnar Vingren, Frida dirigia, pregava e ensinava na igreja.

“A minha esposa, junto com os obreiros da Igreja, têm levado a responsabilidade pela obra” (Vingren, 1987:194).

Como escritora Frida foi a única mulher a escrever comentários da Revista Lições Bíblicas, participou na direção do Jornal Assembleiano Som Alegre e escreveu para o Jornal Boa Semente, onde os dois se uniram surgindo o Mensageiro da Paz.

No Mensageiro da Paz, é mostrada uma pregação de Frida intitulada “O pecado e seu salário”, onde Frida permanecia pregando na igreja, e diante desse tema menciona o pecado no mundo, colocando sua definição e que Adão e Eva tiveram sua parcela de culpa.

É por isso, que às vezes, ouvimos dizer “isto não faz mal” – ir ao cinema, teatro, e passeios – não é pecado. Ler livros mundanos, - brincar um pouco – não faz mal mentir, “por necessidade” também não é tão perigoso. Ser tão diferente do mundo, nos seus costumes, vestuários, conversas, etc., não é bom! Amigo a vossa salvação consiste em deixardes hoje, o Espírito Santo vos convencer dos vossos pecados. (Mensageiro da Paz, 1931, n.7, p. 4).

Frida passou por rumores de uma possível traição, onde tocou muito a moralidade da Assembléia de Deus, por volta de 1931, **as perseguições contra Frida**, e Samuel Nystron é responsável pela Primeira Convenção das Assembléias de Deus, motivado a discutir o afastamento de Frida. Sendo assim, sua família retorna para a Suécia e Gunnar Vingren morre.

Escreve à igreja do Rio de Janeiro, após a morte de Vingren:

Meu desejo é continuar a trabalhar na vinha do Senhor, onde ele quer me levar? Eu amo imensamente este país, onde passei por tantas lutas, mas onde recebi inúmeras bênçãos, durante 16 anos de trabalho ao lado de meu marido (...) Quero trabalhar ao lado de meu querido amigo no Brasil, este é o meu desejo e minha oração constantemente. (NORELL, 2011, p. 214.)

Ela tenta voltar, mas fica marcada pelo possível adultério, e também é impedida pelos suecos a voltar ao missionário, depois de tantos desencontros e desacordos, Frida passa a ser internada em hospitais psiquiátricos, por iniciativa de líderes da igreja, morrendo em um dos hospitais em 1940. Nenhum laudo confirmou que Frida apresentasse alguma doença mental. Desde então passaram-se 80 anos onde sua história ficou “apagada”.

As mulheres foram até agora tratadas pelos homens como pássaros que lhes tivessem caído de alguma altura: como algo de mais delicado, mais vulnerável, mais selvagem, exótico, doce e cheio de alma – mas como algo que se tem de prender em uma gaiola, para que não fuja voando.
(Nietzsche, *Além de Bem e Mal*, parágrafo:237)

Frida morre na Suécia aos 49 anos, em 30 de Setembro de 1940, sete anos depois de Gunnar.

Em Setembro de 1930, missionários e pastores organizaram a primeira Convenção das Assembléias de Deus no Brasil, depois da morte de Frida, durante 70 anos pouco se houve falar de suas atividades nos meios assembleianos.

Frida foi símbolo da resistência ao sentimento de obsessão, de dominação de pastores suecos e pentecostais, para Frida os dons espirituais não fazem distinção de gênero, por isso a mulher tem patamar para ministrar a palavra. Ela insistia em seus artigos e notas que não havia mandamento que proibisse o trabalho feminino na igreja, especialmente como expositora das Escrituras. Numa nota no jornal “Boa Semente”

Por isso, os estudos feministas, através da categoria analítica de gênero compactuam na afirmação de Gebara, que o privado e o público, o pessoal e o coletivo vivem juntos e dependem um do outro.” (GEBARA, 2000, p. 181). Vingren afirma que o Movimento Pentecostal sempre abriu espaço para a pregação feminina.

Frida vivia cercada pelo machismo da época, e não foi reconhecida como uma heroína religiosa, por mais de oitenta anos, teve sua atuação apagada na história do movimento pentecostal brasileiro, e era conhecida como “esposa do fundador”. Inclusive umas das teses estudadas neste projeto, preferiu tratar Frida

com seu nome de solteira Frida Maria Strandberg, para resgatar seu protagonismo na história, e que em alguns momentos da história pentecostal foi reduzida a apenas esposa de Vingren.

Sobre Frida “não foi somente esquecida, mas escondida” (NORELL, 2011, p. 87).

“(...) faziam parte de um time profissional com seus maridos, ou corriam o risco de serem mal vistas pelos pesquisadores locais, em sua maioria homens” (CORRÊA, 1985, p. 10).

Foi a única mulher a participar ativamente das sessões convencionais da Convenção Geral de 1930, sempre levantando a bandeira do ministério feminino, e depois disso foi impedida de participar, pois alegavam a participação apenas dos homens.

“discussões convencionais passaram a ser reservadas apenas aos homens, sendo facultada às mulheres a participação apenas nos cultos públicos à noite” (CASTELHANO, 2005, p. 69).

Mesmo assim Frida não desistiu do que considerava uma luta para o ministério feminino, enfrentou líderes suecos e brasileiros do movimento pentecostal, e chamou as mulheres para lutarem por seus direitos.

8.1. MULHERES PENTECOSTAIS

As mulheres são maioria entre os evangélicos. O pentecostalismo tem por essência uma dissidência protestante, onde alcançou pessoas, camadas sociais e grupos que o protestantismo histórico encontrou dificuldade.

Segundo Farjado, 2012, p. 5). foi nos EUA que (eles) se conheceram e tomaram contato com a doutrina pentecostal, que tomou grande impulso nesta época em consequência dos movimentos liderados por Charles Parham (em Chicago) e William J. Seymour (em Los Angeles). Impulsionados por tal doutrina e movidos pelo desejo missionário, Berg e Vingren seguem para o Brasil. Sobre o movimento pentecostal, vários movimentos surgiram no âmbito da academia brasileira, nestas listas os livros de Gedeon Alencar e Marina Correa.

“O pentecostalismo desde o seu início se apresentou conforme observa André Corten (1995:58), um “fenômeno religioso transnacionalizado”. Em sua composição inicial havia descendentes de africanos, italianos, hispânicos e algumas minorias raciais (...) Talvez essa peculiaridade tenha facilitado a sua difusão em outras aéreas do mundo. Assim o pentecostalismo se situou entre duas dimensões – regional e universal – e, entre elas navegou facilmente em seu processo de integração em novos ambientes culturais” (Campos, 1999 b: 418).

Algumas autoridades pensam que somente os homens podem ter alguma participação na igreja e esta colocação não tem nenhum fundamento bíblico, muitos ainda colocam a mulher como submissa, e usam o texto 1 Timóteo 2,9-15, onde diz que a mulher não deve ensinar o homem.

No Antigo testamento tínhamos personagens femininos como protagonistas como: Miriã, Débora e Hulda, e no Novo Testamento temos as Marias, Priscina, Febe.

“Já não dá mais para negar a importância da mulher dentro das nossas igrejas”, diz Samuel Ferreira, pastor da Assembleia. “Eu não tenho o direito de negar a elas a prerrogativa de exercerem essa liderança.”

Alencar considera machismo, a postura de algumas igrejas que afirmam que na bíblia não tinham menções a mulheres como líderes, mas quem leu afirma que Débora, Miriã, Febe entre outras eram citadas em posição de liderança, inclusive sobre homens.

As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e da sua salvação, e também apresentando instrução se assim for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma Igreja ou de ensinadora da mesma, salvo em casos de exceção mencionados em Mt 12.3-8. Assim deve ser, especialmente quando não existem na Igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar (CASTELHANO, 2005, p. 68).

UFDA – União Feminina da Igreja Evangélica Assembléia de Deus.

Em 2016 em Campina Grande foi realizado um Congresso onde enfatizaram a importância da mulher cristã, cerca de 900 mulheres participaram.

Mulheres feministas.

Rememoração conhecer o que existe em comum entre a religiosa Frida e as feministas que lutavam em sua época

“Hoje eu entendo que nós precisamos nos posicionar em Deus. Uma vida de temor, uma vida de oração, uma vida de compromisso com a sua palavra e dessa forma enchendo a nossa vida de Jesus vamos influenciar onde a gente chegar” (Isa Reis 2016).

Figura 17

Cerimônia em homenagem as mulheres evangélicas na Assembléia de Deus



Fonte: <http://gcn.net.br/noticias/280312/patricia/2015/03/na-belissima-cerimonia-em-homenagem-as-mulheres-evangelicas-na-assembleia-de-deus-o-pastor-isaac-vicente-ribeiro-e-sua-luiza-o-pastor-estevaldo-junior>

- Discursos (prática discursiva da igreja)
- Práticas (ações e reações observadas)
- Aparente (espera da sociedade quanto a moral sexual)
- Ambiente familiar (manifestação religiosa)

Segundo Carmen Soares (2006, p.110), “governar o corpo é condição para governar a sociedade”.

Para Professora Sandra Duarte de Souza, de ciências sociais e religião da Universidade metodista de SP, em muitas igrejas as mulheres conseguem criar uma empatia mais sólida.

A igreja evangélica tem dado cada vez mais espaço para as mulheres nas funções e trabalho nos templos, a denominação é composta por inúmeros Ministérios, desde autônomos a filiados à CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil) e à CONAMAD (Convenção Nacional das Assembleias de Deus Madureira).

*“Mulher ou homem, tudo indica haver um antes e um depois, seja conversão ou reconversão: da rotina religiosa, para o salto da emoção de uma fé radical”
(César, 1999:29).*

Os evangélicos são em sua maioria mulheres (23,5 milhões contra 18,7 milhões de homens).

Grande parte das igrejas não permite que a mulher pratique o pastorado, somente igrejas como a metodista, luteranas, anglicana, Exército da Salvação e Igreja do Evangelho Quadrangular, aceitam mulheres como pastoras, mesmo com uma maior permissão, em algumas igrejas ainda surgem insatisfações por parte das pastoras, pois ainda são submissas a uma hierarquia masculina, mas um ponto importante a ser colocado, é que com o surgimento de algumas igrejas autônomas transformam mulheres submissas em líderes religiosas.

Muitas histórias foram relatadas, onde pastoras afirmam o quanto tiveram problemas com membros da igreja, ao tomarem a frente dos cultos. Podemos considerar que essa visão machista é mais predominante no Brasil, onde podemos perceber maior mentalidade de alienação política, já as Assembléias de Deus da América Latina, tem uma formação revolucionária como no Chile, Venezuela e Uruguai, a igreja tem predominância direitista e menos machista, valorizando mais o papel da mulher.

Na AD o divórcio não era aceito, e uma mulher divorciada jamais seria membro, atualmente o divórcio é estudado caso a caso, com interferência do

pastor que acompanha o casal, em casos de adultério e após tratamento pastoral, ele é liberado.

Não guardam asseio algum quando atingem a idade da decrepitude, e entre os velhos e as velhas nota-se a diferença de serem os velhos veneráveis e apresentarem gravidade, e as velhas encolhidas e enrugadas como pergaminho exposto ao fogo. (RAMINELLI, 1996, p.23-24)

Marina Lima faz parte do escalão do governo brasileiro, uma mulher assembleiana, e como explicar isso no quadro atual do nosso país?

As mulheres assembleianas, que ultrapassam o espaço doméstico, podem ser pensadas de forma distinta. Segundo a revista a submissão da mulher não deve ser questionada, onde cabe à liderança feminina ao sentimentalismo, as emoções, e o homem sempre com o racional.

Aqui os usos e costumes podem ser vistos como visão de mundo que certamente são utilizados pelos pentecostais para se referir ao rigor legalista, as restrições ao vestuário, uso de bijuterias, produtos de beleza, corte de cabelo e a diversos tabus comportamentais existentes em seu meio religioso (SILVA, 2003, p. 33).

Vemos que existem restrições às mulheres e elas ultrapassam os homens, onde o líder impõe vestes, alegando que algumas vestimentas destacam o corpo e essa exaltação é considerada pecado.

A verdadeira beleza da mulher não depende de enfeites, adereços ou exibição, mas do atavio de um espírito manso e tranquilo (CPAD, 4º trimestre, 2001, p. 28).

O Pastor Sóstenes Apolos da Silva, presidente da Convenção das Assembleias de Deus no Distrito Federal, afirmou reconhecer o ministério pastoral das mulheres. Em entrevista ao site CREIO, o pastor comemorou o avanço e lamentou que algumas entidades ainda cultivem o que chama de 'heranças machistas'. "Que desculpa daria para não ordenar mulheres? Temos que fugir desta herança machista que temos que é resquício do catolicismo

romano. A assembleia de Deus em outros lugares como Estados Unidos, Europa, tem pastoras e até bispas em seus quadros. Vamos dar respaldo a estas mulheres que trabalham que fazem de fato e não por direito”, afirma.

Alguns pontos são apresentados para as mulheres assembleianas que não cumprem com as normas, foi relatado um caso de expulsão de uma moça grávida, jovem, solteira, internamente uma mulher nesta situação, deixa de ter significado para os membros daquela determinada igreja.

“Em corpos abjetos a violência pode se dar de maneira simbólica ou material, e quando isso ocorre constata-se a noção de precariedade tratada por Butler” (Butler, 2015, p. 321-336).

Dentro da Assembléia de Deus, existe um perfil feminino construído e que é constantemente cobrado, nas escolas dominicais e nos cultos, sendo mesmo vigiado pelos fiéis, que observam o comportamento das mulheres. A mulher cristã baseia-se nas suas convicções na palavra de Deus, e as Assembleianas convivem com práticas, valores e significações que foram questionados e influenciados pelas feministas.

Elas recebem orientações para se preocupar com valores espirituais e não com aparência física, as lições bíblicas levantam a bandeira das desigualdades sociais e do machismo, onde a submissão da mulher é vista como um sinal de honra. Algumas revistas são capazes de colocar de forma que as mulheres ao lerem entendam que elas são apoiadoras do lar, e não as tomadoras de decisão, pois este é, e sempre será o papel do homem na visão da igreja.

Um artigo foi escrito por Ribamar Portela, pela Revista Pensar Contemporâneo, onde fala sobre como a mulher é vista de forma inferior, onde é colocada como culpada aos olhos da igreja pela perda do Paraíso, e isso já vem desde a colonização do Brasil.

Gedeon Freire de Alencar é um especialista nas histórias da Assembléia de Deus, presbítero da Igreja, Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista, Diretor Pedagógico do Instituto Cristão de Estudos Contemporâneos (ICEC), escritor, e membro da Associação Brasileira de História de Religião, e destaca Frida como a maior heroína assembleiana, e ao mesmo tempo a maior

injustiçada da história da Assembléia de Deus. Reforça que dentro da sociedade brasileira um dos campos que mais tem crescido, é o religioso. Onde uma das maiores expansões é do pentecostalismo, Alencar produz trabalhos que compreendem este fenômeno, mais especificamente sobre a Assembléia de Deus.

Jabes de Alencar que atua com sua esposa, que também é pastora, defende a posição da mulher na liderança, já Hernandes entende que pode sim existir a participação da mulher em pregações, escolas dominicais, agora como líder não existe base bíblica. Jabes coloca como “machismo” e reforça que na bíblia, Débora, Miriã, Febe e outras, possuem posição de liderança.

9. NOVA VISÃO DA IGREJA

Desde 1930 onde a igreja começou a permitir o acesso à televisão, estimulando programas religiosos e telejornais, a televisão introduziu novas ideias antes impensáveis as irmãs, mostrou os padrões de beleza, a ideia de introdução no mercado de trabalho, e independência financeira, trouxeram uma nova visão para esta mulher que antes só vivia em prol da família, do lar.

“Samuel representa a Assembleia de Deus moderna, com cara de (Igreja) Renascer (em Cristo)”, opina o doutorando em ciências da religião Gedeon Alencar, autor de “Assembleias de Deus – Origem, Implantação e Militância” (1911-1946), editora Arte Editorial. “Os mais antigos, porém, acham o estilo dele abominável.”

Depois de 5 meses em que foi realizada a primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), no RN, foi publicado no Mensageiro da Paz, o primeiro texto de Frida com título “Deus mobilizando suas tropas”, para que as mulheres se conscientizassem e não aceitassem que as mulheres não pudessem falar, mas escrever podiam, por isso ela aproveitou a oportunidade naquele momento, para chamar as mulheres para terem seu direito de se expressar.

“Já não dá mais para negar a importância da mulher dentro das nossas igrejas”, diz Samuel Ferreira, pastor da Assembleia. “Eu não tenho o direito de negar a elas a prerrogativa de exercerem essa liderança.”

Pastor Samuel Ferreira, filho do Presidente da Assembléia de Deus Ministério Madureira. Atualmente a Assembléia conta com ao menos 15 milhões de adeptos, onde podemos colocar que vive uma revolução, com uma amostragem de vestimenta moderna.

Samuel agrada fiéis pela sua postura de poder muitas coisas, antes não permitido por seu Pai.

As igrejas “Assembleia de Deus”, uma das mais conservadoras do Brasil, vive um momento de reavaliação de conceitos. Diversos ministérios e convenções tem debatido a consagração de mulheres ao Pastorado, mas por tradição mesmo depois de 100 anos, ela continua apenas consagrando apenas homens.

“Nenhuma organização religiosa foi tão combatida, tão mal compreendida e recebida com tantas reservas, suspeitas e malquerenças, quanto foi o Movimento Pentecostal. Porém, também é certo que nenhum outro movimento cresceu tanto em igual período, nem se projetou com tanta rapidez, como as Assembléias de Deus, apesar de as mesmas não contarem com recursos financeiros, nem possuírem destacados valores intelectuais”. (1ª história, Conde, 1960:7)

Na assembleia da convenção do DF, que contou com a presença de 1.500 correligionários, 70% dos presentes votaram favoráveis à consagração de mulheres ao ministério pastoral, e já existem 50 mulheres interessadas.

Esse é um grande impasse entre as Assembleias de Deus, pois por serem independentes, as convenções regionais acabam tomando decisões que podem não ser aceitas pela CGADB. Alguns Ministérios, como o de Madureira, já consagram mulheres. O grande exemplo dessa nova postura foi à consagração da cantora Cassiane. Resta a dúvida se nas próximas reuniões, a CGADB irá reconhecer a consagração das pastoras.

Figura 18

14º Congresso de Mulheres da Assembléia de Deus no Pernambuco



Fonte: <http://www.franciscoevangelista.com/2015/05/comeca-o-14-congresso-de-mulheres-da.html>

“Nos seus primeiros anos no Brasil os novos crentes, cheios de um entusiasmo contagiante, não preocuparam as igrejas históricas, fossem elas frutos da imigração européia (anglicanos, luteranos) ou de missões norte-americanas (congregacionais, presbiterianos, metodistas, batista, episcopais). Algumas dessas confissões contavam com mais de meio século de existência e uma estrutura nacional bastante estável, embora em grande escala dependente de seus países de origem”. (César, 1999:22).

O ministério feminino dentro das Assembléia de Deus no Brasil foi um marco na primeira Convenção Geral da denominação em 1930, e causou um grande debate principalmente em 1983 e 2001.

Na primeira CGADB em 1930, a presença de Frida foi aceita, mas com limitações, elas poderiam testemunhar e em alguns casos pregar, e Frida foi a principal e única mulher a participar ativamente do início da era pentecostal.

“(…) hoje somos convidadas a repensar as consequências políticas e sociais de certas crenças e cosmovisões religiosas na vida concreta de milhares de pessoas e isso nos leva a uma tensão entre o cativo religioso que comanda suas vidas e o sentido de vida ofertado pela religião”. (GEBARA, 2006:144).

"Eu entendo que foi cultural [...] Eu acredito que do jeito que nós vivemos hoje, se fosse esperar do homem, com toda vida corrida, nós seríamos poucas pessoas no ministério. Hoje as mulheres estão tomando sim, porque elas se dispõem", expõe a pastora Rita. Mas devemos reforçar que atualmente algumas igrejas usam as cartas paulinas para limitar o ministério feminino, mas muitos não se lembram que as mulheres tinham um grande papel no Ministério de Jesus.

A Revista Mulher, Lar & Família Cristã, que é produzida para mulheres cristãs, e que são ativas no campo profissional, político, no lar, e que participam na igreja. Mas é possível perceber que a própria revista representa e enfatiza a mulher como submissa, obediente, onde é meio confuso, mas é possível afirmar que a revista tenta mostrar a mulher no espaço doméstico e também no espaço público.

Mas uma polêmica é levantada quando se trata de uma mulher assembleiana na esfera pública e política como é o caso de Marina Lima

A difícil tarefa de conciliar trabalho e carreira profissional é o tema abordado na reportagem de capa. A tarefa da mãe moderna não mais se resume a cuidar da organização da casa. Além de se dedicar aos filhos, ela também se preocupa com a carreira profissional. (MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ, 2000, p. 4).

[...] Primeiro lugar está em Deus, segundo a família e depois, a profissão (MULHER, 2000 p. 7).

Elas se organizam no serviço social e em grupos de oração, de visitas, de louvor, de apoio específico à família nos núcleos familiares, realizando cultos edificantes [...] a submissão foi dada à mulher pelo Senhor, como um princípio que não pode ser ignorado. Primeiramente ao Senhor, e depois ao homem, a quem Deus constituiu como "cabeça" da mulher [...] ser feminina é diferente de ser feminista (MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ, 2003, p. 35).

Com o passar do tempo a revista Nosso Lar e Mulher, Lar & Família Cristã passaram a notar o crescimento da inserção das mulheres nos espaços públicos, onde a mulher é identificada por sua atuação no trabalho social, na educação, na política e em missões onde jamais poderíamos coloca-las como mulheres submissas.

Muitos desses pontos são vistos pela Assembléia de Deus, considerada ainda uma das mais conservadoras, como transformações que vão além do espaço religioso.

No templo do Brás, porém, às 19h30 do domingo 15, um grupo de cerca de vinte fiéis fazia coreografias, ao lado do púlpito, ao som de uma batida funkeada. Seus componentes – mulheres maquiadas e com cabelos curtos tingidos, calça jeans justa e joias combinando com o salto alto; homens usando camiseta e exibindo corte de cabelo black power – outrora sofreriam sanções, como uma expulsão, por conta de tais “ousadias”. Mas ali eram ovacionados por uma plateia formada por gente vestida de forma parecida, bem informal. Palmas, também proibidas nas celebrações tradicionais, eram requisitadas pelo pastor Samuel de Castro Ferreira, líder do templo e um dos responsáveis por essa mudança de mentalidade (...) Sua Assembleia do “pode” tem agradado aos fiéis. “Meu pai não permitia que eu pintasse as unhas, raspasse os pelos ou cortasse o cabelo”, conta a dona de casa Jussara da Silva, 49 anos. “Furei as orelhas só depois dos 40 anos. Faz pouco tempo, também, que faço luzes”, afirma Raquel Monteiro Pedro, 47 anos, gerente administrativa. Devidamente maquiadas, as duas desfilavam seus cabelos curtos e tingidos adornados por joias pelo salão do Brás, cuja arquitetura, mais parecida com a de um anfiteatro, também se distingue das igrejas mais conservadoras. (CARDOSO, 2011, s/p).

Segundo Alencar(2000), a AD se expande, e, simultaneamente, ampliam-se os preconceitos em torno dela, uma vez que permite o exercício da glossolalia ao analfabeto, ao negro e à mulher, “algo inusitado para a época”.

Já na Revista Nosso Lar temos um primeiro exemplar com um propósito mais familiar, onde focam na mulher dentro do lar, com cuidados com a família.

Nosso Lar acaba de nascer e começa a dar seus primeiros passos editoriais [...] a família cristã encontrará nas páginas de Nosso Lar o espaço adequado para sua edificação. Nosso Lar pretende vivenciar o dia a dia da família, respondendo às expectativas geradas pela vida moderna, que tanto pesam no comportamento do marido, como chefe de família, da esposa, como dona de casa e dos filhos como prolongamento social (NOSSO LAR, 1992, p. 1).

Diante de tudo que vem ocorrendo, a igreja se vê obrigada a mudar o discurso oficial com a finalidade de manter a sintonia com seus fiéis, no caso especificamente das revistas, o discurso segue na mesma linha do que é dito na igreja.

Mãe e profissional: como conciliar? Mostra as dificuldades que as mães encontram para manter suas carreiras, sem que isso prejudique sua relação com os filhos [...] Mesmo trabalhando fora, mulheres investem na estruturação da família [...] Primeiro lugar está em Deus, segundo a família e depois, a profissão (MULHER, 2000 p. 7).

9.1. Uma análise frente a figura da Mulher

A figura da mulher, em alguns cenários surgem acompanhadas de rótulos e estigma, a exemplificar, vejamos sobre o véis da narrativa Cristã, que é ensinado nos púlpitos das Assembleia de Deus-Belém, sendo a primeira mulher designada a ser companheira de Adão, sendo caracterizada como: a ajudadora, sua outra metade, e ossos dos seus ossos. Não foi dada a Eva a opção de escolha, foi criada com missão, de obedecer e ser a mesma carne de Adão, sendo a mesma carne, não cabe a discordância.

O comportamento questionador de Eva, é interpretado como desobediência à vontade Deus. Não é verbalizado pela ala masculina dos pastores assembleianos, uma leitura diferente sobre a narrativa do texto bíblico em Genesis 2: 21-25. Jamais ouvi nas celebrações de casamento, cultos de doutrinas ou nas aulas da escola bíblica dominical, que Eva poderia ter desejado somente viver novas experiencias, descobrir o novo, sair da zona de conforto, que sua escolha foi de forma consistente e não manipulada pela serpente. Contudo o seu desejo de viver novas perspectivas a mobilizou a enfrentar uma ordem. O seu não conformismo era maior que seu medo e que não havia submissão ao seu companheiro. Adão a respeitava como osso de seus ossos, sendo assim, Eva era livre para escolher. Ao contrário, em celebrações de casamento e cultos de ensinamentos, continua o sermão da submissão feminina, como pré-requisito para sucesso matrimonial. Ainda é de responsabilidade da mulher ser sabia.

“Por razoes que não podemos compreender plenamente, Satanás escolheu ter a mulher como alvo da sua estratégia de mentira. E Adão não foi enganado; mas a mulher é que foi enganada e caiu em transgressão”. (DeMoss, Nancy Leigh, 2013, p.31).

Não ensinam que a figura da mulher desde a sua criação, foi livre para escolher. Não é explorado no exemplo de Eva, que seu comportamento legaliza que mulher pode e deve questionar, que possuem escolhas e que devem serem livres para viverem novas experiencias.

“Nossos mecanismos de defesa funcionam automaticamente. Algo da o alerta e o resto acontece quase automaticamente. Nos registramos como robôs, rotineiramente, pois somos programados” (Usarki, Frank, 2006; p.119).

Concluindo a leitura no cenário Cristão, duas figuras femininas são modelos citados nos sermões; Eva e Maria, uma rebelde e outra como a santa. Não tenho tempo para discorrer sobre essa outra personagem no gênero feminina que é conhecida como: Maria a mãe de Jesus, pois seria tema vasto para explorar, apenas deixo registrado que Maria sobre ótica cristã, dos pastores

assembleianos, demonstram como uma mulher que obedeceu, e não questionou sua missão, de ser a mãe do Salvador, mesmo que isso a cometeria a sofrimento em prol da humanidade. As narrativas de Maria são sempre atreladas, a submissão que levou modelo de santificação.

“Maria, uma jovem camponesa brilhante, mas humilde. Ela sempre teve uma conduta santificada, desde o início, e estava disposta a aceitar o oneroso discipulado de ser a mãe de Jesus”. (Bailey, Kenneth E., 2016,p.43).

Por algumas vezes pego refletindo sobre que mundo teríamos, caso a escolha de Eva, tivesse sido diferente. E vejo muito pesado essa condenação que possui peso maior sobre Eva, pois segundo aos ensinamentos assembleianos, Eva é a culpada por termos sido expulsa do paraíso, Eva foi que introduziu o pecado a humanidade, sendo a razão de grandes tragédias sociais.

“Foi a mulher que levou seu marido ao pecado, e, juntos, eles levaram toda a raça humana ao pecado”. (DeMoss, Nancy Leigh, 2013, p.31).

A Narrativa da figura feminina, através da Mitologia Grega, Zeus, o Deus do Olimpo, queria punir Prometeus por roubar o fogo sagrado e instruir aos homens como usá-lo. Assim criou uma mulher que a chamou de PANDORA, (que significa todos os dons), Pandora ganhou de cada um dos deuses do Olimpo um dom o que a tornava plena. Deram predicados insuperáveis como: sabedoria, inteligência, extrema beleza, guerreira, força interior, destreza, delicadeza, sexualidade, sensibilidade, amorosidade, tornando-a uma mulher deusa plena.

Pandora foi enviada para atrair Prometeus (que significa aquele que vê o futuro) desconfiando do artifício de Zeus recusou o presente. Seu irmão Epimetheus (que significa o que pensa depois) se maravilhou com Pandora e tomou-a como esposa. Pandora trazia consigo uma jarra que ganhou de presente pelo pai dos deuses, sendo chamada de: “A Caixa de Pandora”, sendo bem fechada e orientado que jamais poderia abrir. Roída de curiosidade, abriu apenas um pouco, porém sendo suficiente para escapar todos os males que até aquele momento os homens desconheciam. Imediatamente fechou a tampa,

restando apenas no final com pouquíssimo espaço da caixa, uma tímida e pequena coisa, a esperança.

Nos dois cenários aqui já resumidamente comentado sobre a perspectivas de dois mitos, ambas personagens foram criadas pela figura masculina, delegado função frente a figura masculina, sendo a essas duas mulheres, a responsabilidade pelo opróbrio da humanidade. Ambas receberam recomendações que não seguiram, a EVA caberia não comer do fruto proibido; e a Pandora, jamais abrir a tampa da jarra. Contudo nas duas narrativas foram a essas duas mulheres delegado o resgate da humanidade. Da semente de Eva, viria aquele que pisaria a cabeça da serpente, e a Pandora possuía a esperança, que ajudaria a humanidade a suportar suas mazelas.

Eva é criada com intuito de fazer companhia ao homem, com um propósito determinado de Deus. Nesse aspecto, aproxima -se de Pandora, pois está também fora criada por Zeus, mas com outro propósito, o de castigar aos homens por terem aceitado Prometeu o fogo roubado dos deuses. A criação da mulher tanto na visão hebraico-cristã quanto na mitologia grega participou da necessidade do trabalho e resultou no distanciamento homem-divindade. Esse rompimento marca o início de uma nova era fora do Paraíso, início do trabalho, das desavenças, do progresso, das violências, da corrupção, da história das gerações contadas na Bíblia. (1)

Na contemporaneidade, é perceptível a mudança nos padrões de comportamento no decorrer dos anos frente a classe das mulheres evangélicas no contexto da Assembleia de Deus- Belém. Outrora eram vestidas, de forma discreta e sem utilizar de nenhum recurso da indústria de cosméticos, pois nos sermões eram doutrinados que não se podia fazer uso de maquiagem ou qualquer outro recurso que pudessem embelezar, pois era entendido como vaidade, sendo a vaidade um pecado.

1- Fonte: *O Possível Entrelaçar do Eterno Mito Feminino: Eva e Lilith em Pandora*. Zuzo Ester.

Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35418/38137>. Acesso em: 11 mar. 2019.

Entretanto, não se baseia no 'Não faras isto ou aquilo', mas 'Você deve fazer isto ou aquilo', o que Michael Foucault denominará de "biopoder" e será como dispositivo da sexualidade, pois a engenharia da vida se dá no sexo, é por ele que perpetuamos a espécie. Logo a sexualidade é eficiente no controle dos corpos, tanto individual como no coletivo, para Foucault o coletivo é 'corpo político'. Por ela, a sexualidade, através das normalizações, controlamos os comportamentos do indivíduo e do todo. (Vilhena Valeria 2016, p. 128, apud Foucault, 2001).

Falando da mulher da contemporaneidade no cenário da Assembleia de Deus, fazendo recorde a partir de Frida Vingren, pois não teríamos como tratar neste trabalho a mulher no contexto macro da sociedade. Frida foi uma mulher frente a seu tempo, como Eva, foi atrás do que saltou a seus olhos, jamais ficou na zona de conforto ou se acomodou no título da "esposa do pastor". Frida quis e fez história, quebrou paradigmas, foi empreendedora criando jornal, mudou contexto social ao lecionar em presídios e analfabetos. Deu espaço para vivenciar o que motivava em seu coração. Não temeu o julgamento da sociedade e menos ainda ao discurso retrógrado dos pastores masculinos da época.

As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testemunhando de Jesus e sua salvação, e também ensinando quando for necessário. Mas não considera justo que uma irmã tenha função de pastor de igreja de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos mencionados em Mateus 12.3-8. Assim deve ter somente a quando não existam na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar (Alencar, Gedeon, 2013,p.153 Apud Vingren, 1982:82).

Segundo Vilhena (2016, p.15), as mulheres evangélicas pentecostais eram e ainda são instaladas a ter como modelo feminino, as mulheres submissas. As mulheres assembleianas cresceram sem conhecer Frida, embora tenha sido uma grande liderança do início do movimento pentecostal brasileiro, atuando por quase 16 anos de sua vida em prol do crescimento da igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil. Uma das hipóteses levantadas é que, em virtude da sua insubordinada, teve a importância do seu trabalho esquecido, sua trajetória de vida apagada.

Hoje as mulheres ainda são maioria absolutas nos templos da Assembleia de Deus- Belém, porém seu trabalho ainda é de apenas auxiliadora, sendo seu papel de maior relevância ministerial, a de Dirigente de círculo de oração. Dentro deste espaço ofertado, fica evidenciado a desigualdade frente ao papel da mulher dentro da instituição, pois se quer a mulher dirigente do Círculo de Oração, pode utilizar do púlpito para uso do trabalho com os demais membros da igreja. Utiliza como apoio de sua própria bíblia, harpa e microfone uma mesa rente ao chão, demonstrando através deste simbolismo, que a mulher não possui nenhum status de nivelamento como a figura masculina. Neste cenário fica evidente a invisibilidade da mulher.

O culto do CO (Círculo de Oração) é totalmente dirigido pelas as mulheres que nele pregam, cantam, oram e testemunham, com a diferença de que seus cultos não são dirigidos do púlpito, espaço da hierarquia oficial, mas na frente deste, no piso do mesmo nível do púlpito. Eventualmente, as mulheres convidam algum obreiro ou o pastor para pregar. Nos cultos do CO, bem como nos “cultos dos lares” as mulheres impõem seus próprios ritmo de atividades, assumindo, ainda que de maneira informal, algumas responsabilidades pastorais como o aconselhamento e a visita de enfermos. (Forjado,2016, p.330).

Como questionado por Alencar (2016), como ficam as ADs pós- Frida? Estagnada, responderia, sendo essa estagnação fruto de uma postura silenciada e submissa, a mulher não teve avanços para o devido reconhecimento dentro desta instituição, em razão do seu próprio comportamento de alienação e de herança cultural. Romper um valor introduzido, onde foi internalizado que mulher deve obedecer a figura masculina, pois esse comportamento questionador é compreendido como rebeldia, não sendo condizente a figura da mulher santificada.

“Nenhuma mulher se destacou em um século de pentecostalismo assembleiano? Nenhuma”. Alencar, Gedeon, 2013,p.241).

9.2. PRECONCEITO AS MULHERES COMO PASTORAS

Acordar, fazer o café, arrumar a casa, preparar o almoço, arrumar as crianças, leva-las ao colégio, fazer compras, lavar a roupa, pegar as crianças no colégio, passar a roupa, preparar o jantar, lavar a louça, pôr as crianças para dormir [...]. Algumas donas de casa ficam tão envolvidas com seus afazeres domésticos, e os maridos tão envolvidos com os problemas do trabalho, que se esquecem de um momento muito importante: seu momento a sós com Deus (NOSSO LAR, 1995, p. 26-27).

Algumas revistas evangélicas tentam padronizar a identidade da mulher como sendo relacionada apenas ao espaço doméstico, e constantemente são voltadas para a maternidade, a doçura, a delicadeza, a paciência, o cuidado estético. Compreender a mulher assembleiana, a partir das perspectivas de gênero, onde algumas literaturas foram produzidas pela instituição religiosa. No trecho acima, há uma tentativa de mostrar qual o tempo que cada um tem para louvar e adorar a Deus, mas é claro e objetivo de que a revista coloca claramente o papel do homem e da mulher dentro da família.

“A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção”. (BOURDIEU, 1999, p.18).

Atualmente temos mulheres atuantes no trabalho social, na educação, na política, e que não podem ser classificadas como submissas aos maridos, exatamente porque em sua maioria não são de mulheres casadas, e que optaram por viver um outro tipo de vida. Diante do debate há uma resistência ou um conflito ao dizer que a posição da mulher é vista como consequência dos interesses masculinos, onde a desigualdade entre os gêneros impera.

As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e a sua salvação, e também ensinando quando for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mateus [...] isso deve acontecer somente

quando não existirem na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar (ARAÚJO, 2007, p. 211).

Na Assembléia de Deus o cargo mais elevado é o de missionária, nas igrejas sedes, vemos que existe uma divisão de posicionamento de casa um, o poder – dominação de gênero ocorre tanto entre homens como entre mulheres, onde o espaço religioso pode se transformar em um espaço funcional.

Para a pastora e mestre em Ciências da Religião Lídia Maria de Lima, “é preciso resignificar os textos bíblicos à luz dos avanços sociais e dos avanços conquistados pelas mulheres”.

Percebe-se que ainda existe certa recusa até em relação aos próprios maridos, para que a mulher possa exercer o papel de missionária e estudar, na cabeça destes homens, uma mulher bem informada, estudada, atualizada, chamará mais a atenção do que ele, sendo assim eles “boicotam” as atividades femininas no lar, para que ele possa se dedicar mais e poder mostrar que a mulher não tem condições de atuação de forma ativa na igreja, exatamente por que ela tem atribuições do lar para cumprir.

Em muitos casos estas mulheres se unem mensalmente nas igrejas para fazerem salgadinhos, trocam favores, cuidado com crianças, ensinam as mais jovens a cozinhar, costurar, uma ajuda mútua de aprendizado.

“O privilégio do homem [...] é que sua vocação como ser humano nunca está em conflito com seu destino de macho da espécie” (BEAUVOIR, 1974 apud SCOOT, 2002, p. 277).

O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidade alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um tê-los normativo e definidor (BUTLER, 2012. p. 37.).

Esta citação mostra como a noção de gênero é vista de forma culturalista e histórica, onde se acreditam que não se pode colocar identidade em corpos.

A imposição de uma sociedade machista, dividida em classes, que inferioriza as mulheres, utilizando-se do discurso dominante como instrumento de disseminação de conceitos e controle. Ao mesmo tempo em que determina que os homens são os sujeitos destinados à atuarem como protagonistas da submissão feminina (SANTOS, 2012, p. 49).

Alguns conflitos causaram reações do secretário das missões suecas no Brasil ao relatar o ocorrido ao líder da igreja Filadélfia, em Estocolmo Lewi Pethrus:

Você pode imaginar querido irmão Lewi Pethrus tudo estava tão bem, todos os crentes aqui no Brasil louvaram a Deus por sua visita e conferência em Natal. Todos aguardavam ansiosos pelo novo jornal e quando chegou: “Redator: Frida Vingren”. Foi um tapa na cara. [...] Então, depois de um tempo, veio o artigo “O Pastor”, ele literalmente acendeu o fogo e as tensões ficaram ainda maior. Sinto que algo deve ser feito para que este trabalho glorioso não seja derrotado, pois não haverá volta. Todos os irmãos que eu conversei estão sofrendo com esse trabalho da irmã Frida. (Carta do missionário sueco Joel Carlson, de 12, maio, 1932, para Lewi Pethrus in Norell, 2011, p. 139).

Cinco meses depois da primeira Convenção de 1930, Frida escreve um artigo intitulado, “Deus mobilizando suas tropas”.

Mobilização é um movimento permanente às guerras. É o ato de preparação das tropas para a luta. Vivemos em tempos de apreensões, guerras e revoluções e em muitos países, tem havido, ultimamente, tais movimentos. Quando a guerra é declarada numa nação, chama-se o povo para a mobilização. (p.3).

A presunção política de ter que haver uma base universal para o feminismo, a ser encontrada em uma identidade supostamente existente em diferentes culturas, acompanha frequentemente a ideia de que a opressão das

mulheres possui uma forma singular, discernível na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal masculina (BUTLER, 2012, p. 20).

Na estrutura da Assembléia de Deus, os homens pelo simples fato de serem homens, já garantem a oportunidade de exercer sua autonomia no espaço religioso, já a mulher precisa criar brechas, construir estratégias e formas de conquistar sua autonomia. É por essas e outras que a AD vem passando por uma reestruturação onde a identidade “esposa de pastor” ainda é utilizado e que a mulher ideal é aquela que é submissa ao esposo. Em alguns casos alguns missionários têm por objetivo democratizar o espaço religioso, onde são realizados cultos para as mulheres onde são colocadas algumas restrições como idade entre as frequentadoras. Um dos temas abordados está relacionado ao companheirismo entre as mulheres.

“O que chamam o “Movimento da Mulher” é a conspiração mais insidiosa e maliciosa jamais cozida contra a inspiração da Bíblia.” (W. P. Harvey, Feminism. J. W. Porter, pág. 118).

Um dos pontos mostrados que influenciam muito nessa questão de como as mulheres são vistas, e como ainda existe preconceito, está relacionado exatamente com o Novo Testamento, onde a mulher é colocada de forma diminutiva, culpada, defeituosa, falha pelo simples fato de ser uma mulher, e que isso pode levar os homens ao mal caminho, e tudo isso por conta da passagem de Adão e Eva, onde a culpa de se perder o paraíso, sempre é colocada como da Eva, que seduziu Adão.

Alencar (2013) afirma que Samuel Nystrom “era o mais ferrenho inimigo das mulheres no ministério” (Alencar, 2013, p.120).

As mulheres estão a todo momento presente na Assembléia de Deus, elas atuam cuidando das crianças, estão na portaria, na cantina, estão com os adolescentes, na escola bíblica, existem as pregadoras e professoras, mas que não são reconhecidas, mas em algumas igrejas somente em duas oportunidades é que as mulheres são convocadas a participar, em Congressos de Irmãs ou em aniversário do círculo de oração. Vingren defendia a ideia de que homens e mulheres exerciam os mesmos ministérios de forma igual.

É possível concordar que algumas mulheres sequer são mencionadas pelos trabalhos realizados dentro do Assembléia de Deus, diante desta situação foi escrito o Livro 100 Mulheres que Fizeram a História da Assembléia de Deus no Brasil de Isael de Araújo.

Em 1931, pastor Lewis Pethrus recebe uma carta do Brasil, com assinatura de Cícero Canuto, Napoleão de Oliveira, Francisco Gonzaga, João Baptista, José Amador e Amaro Celestino, com a data de 21 de Abril e de RN, onde todos protestavam contra a entrada de Frida no jornal local, onde Frida sempre levantou a bandeira, de que as mulheres também podem ocupar posição de liderança dentro de uma igreja.

CONCLUSÃO

Neste projeto foi abordado sobre a igreja Assembléia de Deus, que se iniciou através de dois jovens missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, vindos dos Estados Unidos, e que através de uma profecia chegou ao Estado do Pará, em 1910, iniciando esta grande obra.

Nenhuma pessoa poderia conceber que aqueles dois jovens suecos estavam para iniciar um movimento que alteraria profundamente o perfil religioso e até social do Brasil. As igrejas existentes na época – Batista de Belém do Pará, Presbiteriana, Anglicana e Metodista - ficaram bastante incomodadas com a nova doutrina dos missionários, principalmente frente ao tema do batismo com Espírito Santo, iniciando-se o movimento Pentecostal. A irmã Celina de Albuquerque, na madrugada do dia 18 de junho de 1911, foi a primeira crente a receber o batismo no Espírito Santo, o que não demorou a ocorrer também com outros irmãos.

Houve desentendimento entre os membros naquela comunidade, pois um número cada vez maior de curiosos visitava a residência de Berg e Vingren, resultando um grupo de mais dezenove membros acabaram sendo desligados da Igreja Batista. Convencidos e determinados a se organizar, fundaram a Missão de Fé Apostólica em 18 de junho de 1911, que mais tarde, em 1918, ficou conhecida como igreja Evangélica Assembleia de Deus.

Desta iniciativa, em poucos anos, a Assembleia de Deus, se expandiu para todas as vilas e cidades até alcançar os grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre. Foi através desta ousadia de membros que provocou alteração no cenário religioso brasileiro, despertando o olhar do clero católico para uma nova leitura frente a comunidade evangélica.

Em 1930, Vingren e Samuel Nystron segundo missionário, entraram em atrito, pois Nystron não era a favor da atuação de mulheres na pregação. Samuel Nystron desde que Frida chegou ao Brasil, ficou no pé de Frida e enviava para o líder pentecostal sueco (Lewy Pethrus) solicitações para intervir e impedir a

atuação de Frida dentro da igreja. Ela travou uma batalha muito grande, convocando as mulheres para não se acovardar, e que não deveriam se intimidar. Para os tais “homens de Deus”, Frida era considerada como um “mau” exemplo que influenciaria as demais mulheres assembleianas.

Frida, desde sua chegada ao Brasil, não se acovardou diante do cenário, foi uma mulher frente a seu tempo, extremamente visionária, e atuou bravamente dirigindo cultos ao ar livre, ministrava estudos bíblicos, realizava cultos em presídios, onde fazia leituras de passagens da bíblia para os presos. Como escritora Frida foi a única mulher a escrever comentários da Revista Lições Bíblicas, participou na direção do Jornal Assembleiano Som Alegre e escreveu para o Jornal Boa Semente, onde os dois se uniram, surgindo o Mensageiro da Paz.

A todos esses atributos, poderiam também estar abarcados o de pastora. Frida poderia ter sido reconhecida há muitos anos, como a primeira pastora das Assembléias de Deus no Brasil. A própria história assembleiana é clara quanto ao desempenho da senhora Vingren. Na ausência (ou na presença) de Gunnar Vingren, Frida dirigia, pregava e ensinava na igreja.

“A minha esposa, junto com os obreiros da Igreja, têm levado a responsabilidade pela obra” (Vingren, 1987:194).

Frida passou por rumores de uma possível traição, onde tocou muito a moralidade da Assembléia de Deus, por volta de 1931, as perseguições contra Frida. Samuel Nystron é responsável pela Primeira Convenção das Assembléias de Deus, motivado a discutir o afastamento de Frida. Sendo assim, sua família retorna para a Suécia e Gunnar Vingren vem a falecer.

Frida tenta voltar ao Brasil, após o falecimento do seu esposo, porém devido ao possível adultério, não teve a permissão pelos suecos. Frida passa a ser internada em hospitais psiquiátricos, por iniciativa de líderes da igreja, morrendo em um dos hospitais em 1940, na Suécia aos 49 anos, em 30 de Setembro de 1940, sete anos depois de Gunnar.

Nenhum laudo confirmou que Frida apresentasse alguma doença mental. Desde então passaram-se 80 anos onde sua história ficou “apagada”.

Em Setembro de 1930, missionários e pastores organizaram a primeira Convenção das Assembleias de Deus no Brasil. Depois da morte de Frida, durante todos esses anos, pouco se houve falar de suas atividades nos meios assembleianos.

Frida foi símbolo da resistência ao sentimento de obsessão, de dominação de pastores suecos e pentecostais, para Frida os dons espirituais não fazem distinção de gênero, por isso a mulher tem patamar para ministrar a palavra. Ela insistia em seus artigos e notas que não havia mandamento que proibisse o trabalho feminino na igreja, especialmente como expositora das Escrituras. Numa nota no jornal “Boa Semente”

Frida vivia cercada pelo machismo da época, e não foi reconhecida como uma heroína religiosa, por mais de oitenta anos, teve sua atuação apagada na história do movimento pentecostal brasileiro, e era conhecida como “esposa do fundador”. Inclusive umas das teses estudadas neste projeto, preferiu tratar Frida com seu nome de solteira Frida Maria Strandberg, para resgatar seu protagonismo na história, e que em alguns momentos da história pentecostal foi reduzida a apenas esposa de Vingren.

*Sobre Frida “não foi somente esquecida, mas escondida”
(NORELL, 2011, p. 87).*

Também foi abordado sobre a importância da mulher na igreja, mostrando um pouco sobre o movimento pentecostal, como surgiu e o quanto influenciou sua cultura. Comentei sobre o comportamento masculino, para que de alguma forma pudesse provocar uma reflexão frente a figura feminina.

Atualmente é possível notar o quanto a Assembléia de Deus tem passado por mudanças em seus direcionamentos morais e teológicos. É possível concluir que a participação das mulheres na religião é influenciada pelos espaços sociais disponíveis.

“É para tal diferenciação que nós devemos olhar para entender a participação da mulher na religião dentro dessa sociedade” (WOODHEAD, 2002, p. 3).

O pentecostalismo conseguiu mostrar de forma oposta o quanto a proporção de pentecostais e evangélicos cresceu, onde em 1930 eram 9,5%, e passaram para 77,86% em 2000.

Dentro deste contexto, é possível entender que no universo pentecostal ainda existem barreiras e machismo, diversas teses, artigos, publicações ainda mencionam que a Assembléia de Deus possui restrições quanto a colocação de uma missionária para a realização de cultos. Atualmente o quadro da igreja ainda tem número maior de homens na liderança, e a busca das mulheres será uma luta eterna e que não pode parar apenas na história de Frida.

A tradição protestante das igrejas históricas perdeu espaço no decorrer dos anos. O movimento de “renovação espiritual”, que ganhou força na década de 1960, e só vem se fortalecendo ao longo dos anos, “concorreu para tornar o protestantismo brasileiro ainda mais predominantemente pentecostal” (Cavalcanti 2002: 215). Há uma tendência de grande parte das lideranças das igrejas tradicionais, embora não de todas, de “tolerar esses movimentos pentecostalizantes, tentando acomodar seus adeptos sem hostilizá-los, mesmo porque, em muitos casos, eles têm-se tornado maioria no conjunto dos membros das igrejas” (Baptista 2002: 13). Mariano não enxerga muito “futuro” para o protestantismo histórico na América Latina: devido ao “processo de pentecostalização pelo qual vem passando nas últimas décadas [...] o prognóstico parece pouco promissor. Em vez de ‘explosão’, talvez estejamos assistindo à ‘implosão’ do protestantismo” (Mariano, 1999: 95).

Foi ainda comentado a respeito da construção social a figura da mulher, sendo realizado um comparativo dos mitos: Eva (cristianismo), Pandora (Mitologia Grega) e a mulher de hoje. Nos dois cenários aqui já resumidamente comentado sobre a perspectivas de dois mitos, ambas personagens foram criadas pela figura masculina, delegado função frente a figura masculina, sendo a essas duas mulheres, a responsabilidade pelo opróbrio da humanidade. Ambas receberam recomendações que não seguiram, a EVA caberia não comer

do fruto proibido; e a Pandora, jamais abrir a tampa da jarra. Contudo nas duas narrativas foram a essas duas mulheres delegado o resgate da humanidade. Da semente de Eva, viria aquele que pisaria a cabeça da serpente, e a Pandora possuía a esperança, que ajudaria a humanidade a suportar suas mazelas.

Falando da mulher da contemporaneidade no cenário da Assembleia de Deus, fazendo recorde a partir de Frida Vingren, pois não teríamos como tratar neste trabalho a mulher no contexto macro da sociedade. Frida foi uma mulher frente a seu tempo, como Eva, foi atrás do que saltou a seus olhos, jamais ficou na zona de conforto ou se acomodou no título da “esposa do pastor”. Frida quis e fez história, quebrou paradigmas, foi empreendedora criando jornal, mudou contexto social ao lecionar em presídios e analfabetos. Deu espaço para vivenciar o que motivava em seu coração. Não temeu o julgamento da sociedade e menos ainda ao discurso retrógrado dos pastores masculinos da época.

Finalizo este projeto, entendendo um pouco mais do contexto frente da mulher evangélica pentecostal. Foi enriquecedor ter acesso a biografia de Frida, e conhecer e contribuir para visibilidade de sua trajetória, dando voz aos que tentaram silenciar.

Vejo que existe um caminho longo a ser percorrido, cabendo a nós mulheres evangélicas da Assembleia de Deus, aprender com Frida, que podemos e somos capazes de mudar o cenário no contexto que somos inseridas.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011**. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

ARAUJO, Israel de. **Dicionário do movimento pentecostal**. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. P. 338

ASAD, Talal. **A construção da religião como uma categoria antropológica**. **Cadernos de Campo**, n. 19, p. 263-284.

BANDINI, Claudirene Ap. P. **Costurando certo por linhas tortas: práticas femininas em igrejas pentecostais**. Salvador: Editora Pontocom, 2014.
_____. Transformações das identidades femininas no campo religioso pentecostal. *Revista Brasileira de História das Religiões*. v. 1, n. 3, 2009.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Editora Paulinas, 2009.

BIRMAN, Patrícia. **“Mediação Feminina e Identidades Pentecostais”**, *Cadernos Pagú*, Campinas, UNICAMP nº 6-7, 1996.

BONINO, José Miguez. **Rostos do protestantismo latino-americano**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BUTLER, Judith. **Como os corpos se tornam matéria**. **ESTUDOS FEMINISTAS**, ano 10, p. 155-167, 2002. _____.

CORREA, Marina. **A operação do Carisma e o Exercício do Poder: A lógica dos ministérios das Igrejas Assembleia de Deus no Brasil**- São Paulo; Fonte Editorial 2012.

DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

FEMENÍAS, Maria Luísa. **Pós-feminismo através de Judith Butler**. **Estudos Feministas**, v. 14, n. 2, p. 549-571, 2006.

FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo. *In*: ANTONIAZZI, Alberto. **Nem anjos nem demônios**; interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

FARJADO, Maxwell. **Onde a luta se travar: uma historia das Assembleias de Deus no Brasil**. Curitiba: Prisma, 2017.

GIUMBELLI, Emerson. **A noção de crença e suas implicações para a modernidade: um diálogo imaginado entre Bruno Latour e Talal Asad**. Horizontes Antropológicos, ano 17, n. 35, p. 327-356, 2011.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa e FILHO, Prócoro Velasques. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p 51

MESQUITA, Antônio Pereira de. (Editor). Mensageiro da Paz: Artigos Históricos, 1ª Edição. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. **Usos e limites da categoria gênero**. Cadernos PAGU, v. 11, p. 99-105, 1998.

MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 1, 2000.

_____. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 5, 2001.

_____. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 6, 2001.

_____. Rio de Janeiro: CPAD, ano 4, n. 14, 2003.

_____. Rio de Janeiro: CPAD, ano 4, n. 15, 2003.

_____. Rio de Janeiro: CPAD, ano 4, n. 16, 2003.

_____. Rio de Janeiro: CPAD, ano 5, n. 23, 2005.

NERI, Marcelo Côrtes (coord.). **Economia das Religiões: Mudanças Recentes**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2007.

NETO, Ana Luíza Gouvêa. **Nacapa e por dentro: uma análise sócio histórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas**. 2015. 148f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

NOSSO LAR. Rio de Janeiro: CPAD, ano1, n. 0, dez. 1992.

_____. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 3, jan./fev. 1995.

_____. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 4, mar./abr. 1995.

PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as Doutrinas da Bíblia**. 8 ed. São Paulo: Vida, 1984. p 225.

SABSAY, Leticia Inés. **La configuración de identidades como posiciones de sujeto: antiessencialismo y diferencia em Judith Butler**. Escritoras y escrituras, n. 5, p. 1-8, 2006.

SALES, Léa Silveira. **Estruturalismo: história, definições e problemas.** *Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, n. 13, p. 159 – 188, 2003.*

SANTOS, Roberto José. (Org.). **Assembleia de Deus em Abreu e Lima - 80 Anos: síntese histórica.** Abreu e Lima: FLAMAR, 2008.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melansia.** Campinas: Editora UNICAMP, 2006.

VILHENA, Valeria Cristina - **Um olhar de Gênero sobre a trajetória de vida de Frida Strandberg (1984- 1940)-** São Paulo; Fonte Editorial 2016

A BIBLIA. Papel da mulher dentro da igreja. Disponível em:
http://www.abiblia.org/ver.php?id=147&id_autor=2&id_utente=&caso=perguntas
Acesso em 25/10/2017

AD CAMPINA GRANDE. Congresso da UFAD enfatiza a importância da mulher cristã. Disponível em: <http://adcampinagrande.com.br/2016/12/27/congresso-da-ufad-enfatiza-a-importancia-da-mulher-crista/>> Acesso em 25/10/2017

AD CASCAVEL. Nossa crença. Disponível em:
<http://www.adcascavel.com.br/nossa-crenca>> Acesso em 05/11/2017

ADSA BRASIL. Os primeiros passos da Assembléia de Deus no Brasil. Disponível em: <https://adsabrasil.org.br/historia-da-assembleia-de-deus-no-brasil/>> Acesso em 24/10/2017

EDITORA CPAD. A origem das Assembléias de Deus no Brasil. Disponível em:
<http://www.editoracpad.com.br/assembleia/historia.php?i=2>> Acesso em 24/10/2017

GUIAME. Mulher pastora: Base bíblica ou cultural? Disponível em
<https://guiame.com.br/gospel/reportagens-especiais/mulher-pastora-base-biblica-ou-cultural.html>> Acesso em 05/11/2017

GOSPEL MAIS. Tradicional Assembléia de Deus discute se mulheres podem ou não ser pastoras. Disponível em:
<https://noticias.gospelmais.com.br/assembleia-deus-discute-mulheres-podem-nao-pastoras-27053.html>> Acesso em 05/11/2017

GOT QUESTIONS. O que é glossolalia? Disponível em:
<https://www.gotquestions.org/Portugues/glossolalia.html>> Acesso em 01/11/2017

IFCH. Uma conversa com Marilyn Strather sobre antropologia e arte. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/EntrevistasII/pdfs/strathern.pdf>> Acesso em 05/11/2017

NEIM. A teoria de Judith Butler: implicações nas estratégias de luta no movimento feminista. Disponível em:
<http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/anais/anaisteoriafeminista.pdf>>
 Acesso em 10/11/2017

NOTÍCIAS GOSPEL. Gunnar Vingren E Daniel Berg – A História Dos Fundadores Da Assembléia De Deus No Brasil. Disponível em:
<https://noticias.gospelmais.com.br/gunnar-vingren-daniel-berg-historia-fundadores-assembleia-deus-22963.html>> Acesso em 24/10/2017

NOTÍCIAS GOSPEL MAIS. Tradicional, Assembléia de Deus discute se mulheres podem ou não ser pastoras. Disponível em:
<https://noticias.gospelmais.com.br/assembleia-deus-discute-mulheres-podem-nao-pastoras-27053.html>> Acesso em 10/11/2017

NOTÍCIAS GOSPEL MAIS. Pastor Antonio Gilberto diz que ordenação de mulheres ao ministério pastoral é antibíblico: “igreja vai prestar conta”. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/pastor-antonio-gilberto-mulheres-ministerio-pastoral-antibiblico-45779.html>> Acesso em 10/11/2017

MULHER DEUSA – PANDORA. Dulcinea Mattar. Disponível em:
<https://njbh.com.br/2019/02/27/mulher-deusa-pandora/> Acesso em 10/11/2018

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão; ANDRADE, Marta Mega. Mito e gênero: Pandora e Eva em perspectiva histórica comparada. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 33, p. 313-342, abr. 2016. ISSN 1809-4449. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644930>> Acesso em: 04 mar. 2019.

O Possível Entrelaçar do Eterno Mito Feminino: Eva e Lilith em Pandora. Zuzo Ester.
 Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35418/38137>.
 Acesso em: 11 mar. 2019.

Carlos Drummond de Andrade, "O Avesso das Coisas: Aforismos". Rio de Janeiro: Editora Record, 1990.

Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTE0NA/>

Acesso em: 14 mar. 2019.